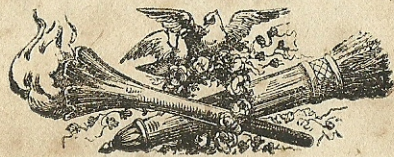
CANHENHO

DE

POESIAS BRASILEIRAS

PELO

Dr. João Salomé Queiroga

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT
61 B, Rua dos Invalidos, 61 B
1870

A MEU SOBRINHO E COMPADRE

Ill^{mo} Sr. Tenente-Coronel

JOSÉ BENTO DE MELLO

Em testemunho de intima amizade e gratidão.

Seu tio, compadre e amigo

J. S. Queiroga.

CARTA

Quereis que vos autorise a publicar versos que tenho feito desde o verdor dos annos, e que só virião a luz da imprensa, se a vissem, além tumulo ; pois bem, repito-vos a frase favorita do nosso bom amigo Sales—*Deixe que vá*.

Cerca de 40 annos estão neste volume : — a descripção de um grande, e continuado dia de festa, com pequenos intervallos de soffrimentos.—A rosa tambem tem espinhos. Menino travêsso a correr atrás de borboletas que nunca chega a apanhar, mas divertindo-se com isso : — eis a historia de minha vida poetica. — As moças me inspiravão amor porque erão, ou me parecião bellas, e eu as galanteava, nada mais. Quando alguma vez me julgava feliz, por ter apanhado uma dessas encantadoras borboletas, só encontrava nas mãos um poucochinho da brilhante poeira de suas azas ; assim me escapárão algumas, ingratas ! E as outras, nem mesmo isso me consentião, voavão tanto que

não podia eu ir-lhes no encalço. Mas isso mesmo bastava para felicidade de amante platonico, que sempre fui.

O gôzo brutal nunca teve para mim encantos. Quer me creião quer não a verdade é essa. Imbecil! exclamará talvez algum epicurista. A resposta é a seguinte: — cada um goza a seu modo, porque sobre gôsto não se admitte disputa.

Vai assim respondida a accusação, que por vezes se me tem atirado ás faces de — *coração de borracha* — ao verem a diversidade, e numero de moças, que dispertárão em mim a admiração e culto, pintado nesses despretenciosos versos.

Nesse volume todo o mundo póde vêr, mais ou menos, como em um espelho sua vida.

Penso, sinto, e gôzo como todos os outros homens.

Esse volume, meu querido sobrinho, é um peráu (*), cuja superficie placida e risonha, uma vez por outra treme e se encrespa sem motivo apparente, pois não soprou o vento, mas, olhem para o fundo, e verão através da agua diaphana um jacaré que alli mora, foi elle que produzio aquelle phenomeno Todos nós somos filhos de Adão e Eva. Não ha homem algum differente ou superior aos outros. A humanidade é uma só.

(*) Poço fundo, nos rios e ribeirões.

A alegria, rapida flôr da mocidade, pouco a pouco se vai desfazendo em nós: era a esperança, mas a velhice, que é a vizinhança da morte, só produz desenganos. Mesmo assim, de mim o digo, uma vez por outra chega um momento, que no montão de cinzas frias, lá surge uma fagulha, que por falta de combustivel brilha um momento e depois morre logo. Tal é o destino humano.—O bello sempre foi a corda que mais vibrou em minha lyra.

Digamos aos que desprezão as cantigas populares, que ellas forão o primeiro movel correctivo dos costumes.

A musica dá aos versos uma nova graça, e, como disse o espirituoso Lamotte:

« *Les vers sont enfants de la lyre:*
« *Il faut les chanter, non les lire.*

Julgamos desnecessario addicionar notas sobre algumas palavras brazileiras que não vêm nos lexicographos portuguezes, por serem muito conhecidas entre nós. Quem ha no Brasil que ignore a significação das seguintes palavras de que usâmos — quindins, muchôchos, cafuné, dengue, dengosa, etc.?

Adeos.

ADHESÕES

Um livro como este precisa da autoridade de adhesões, em que se apoie, pelos seguintes motivos. Primeiro, ser seu autor desconhecido; segundo, pretender innovar.

Adhesões não lhe faltão. As benevolas redacções da *Actualidade*, na côrte, *Recreador*, *Diario* e *Liberal*, jornaes que se publicárão na capital desta provincia, e o *Jequitinhonha*, da Diamantina, por vezes, e em differentes épocas, me têm barateado elogios.

Devia talvez transcrever aqui o juizo critico que a respeito de alguns versos meus teve a bondade de fazer o Exm. Sr. Dr. J. M. V. Pinto Coelho, em seu precioso escripto sobre a poesia popular brasileira; mas, a demasiada benevolencia, e protecção que se dignou fazer-me, tolheme esse prazer. Entretanto vá aqui a consagração de meu respeito e gratidão a esse amavel cavalheiro. Para que não se diga, que menosprézo a opinião que de mim tem feito a imprensa,

transcrevo apenas alguns trechos de um correspondente do *Diario* analysando o escripto acima referido.

. . . .

« Persuado-me que o Sr. Dr. Pinto Coelho não teve noticia de outros versos do mesmo autor, feitos naquella época, os quaes, a meu vêr, são preferiveis para o fim indicado ás cantigas por elle transcriptas. Refiro-me ás que o autor dirigio ás Ex.^{mas} DD. Marieta, Rosalina, Leonor e Maricota, nas quaes, pondo de parte o merito artistico, pela incompetencia do meu parecer a respeito, descubro mais allocuções brazileiras e meneio popular.

« Sou daquelles que não aprecião a poesia só pelo effeito do chocalho da rima e metro cadente; quero a idéa, e trajada de enfeites sim, mas enfeites exclusivamente nossos, talhados pelo gôsto do povo, mesmo em seus preconceitos. Tal deve ser a meta a que aspirem os poetas novos.

« Que pena não haverem pensado assim os Drs. Antonio Augusto de Queiroga, Aureliano José Lessa, e o padre Domingos!!... Esses talentosos moços, hoje na Eternidade, serião apontados como instituidores da poesia patria; serião astros rutilantes na pleiade, em que brilhão Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Bruno Seabra e outros, mas em mal não colhêrão uma só flôr nas virgens selvas e campinas do Brasil.

« O Dr. Salomé desde seus primeiros ensaios poeticos procurou marchar em a nova estrada. No anno de 1836, de passeio nas provincias da Bahia e Parahyba, abandonando as seáras, onde havião ceifado Diniz, Garção, Garret, Bocage, Castilho e Herculano, devaneou pelas margens de nossos rios, praias, e selvas primitivas. A Bahia de Todos os Santos, e a fonte do Tambya são dessas producções precursoras da nova escola, e não forão só ellas, com que o Dr. Salomé preludiou a aurora de nossa emancipação litteraria, já annunciada no seculo passado pelos nossos distinctos patricios, os Alvarengas de S. João d'El-Rei, Durão e principalmente José Basilio da Gama no seu mimoso e muito nacional poema *Uruguay*.

« Desde o anno de 1840 até hoje o Dr. Salomé tem sido fertil em producções semelhantes; mas poucos as conhecem, porque elle não quiz nunca ser autor. Fazia, e ainda faz versos para matar o tempo nas horas de descanso de seus trabalhos de magistrado. D'aqui nasce que apparecem truncadas e cheias de erros algumas poesias suas, que a imprensa do Rio de Janeiro e d'essa capital tem dado á luz, por meio de cópias alheias de seu punho; como, por exemplo, o —Adeos a Theresinha— que adiante reproduzirei, visto estar de tal modo truncado no trabalho do Sr. Dr. Pinto Coelho, que fica sem sentido, sem metrificação, e sem nexo.

« Ha annos á esta parte o Dr. Salomé trocou a lyra eleutheria pelo azorrague de Juvenal, e zurzio a valer as nádegas impudicas da Messalina Politica. Esta, porém, tomando entre nós a fórma de Protheu, parece ter-lhe cansado o braço. Debaixo do pseudonymo de — Poeta das Brenhas e de Punho Inglez — fez rir a muita gente. O jornal *Actualidade*, na côrte, e o *Jequitinhonha*, nesta cidade, pelos annos de 1861 e 62, publicárão acres censuras ao governo de então, as quaes com o nome de — Piparotes — echoárão por todo o paiz. Não me consta que alguem mais tenha cultivado este ramo de poesia entre nós ; talvez por ser o assumpto sobremaneira prosaico, e difficilmente prestar-se ao veloz meneio da poesia ligeira, tão querida do nosso povo, quando é adaptada á sua comprehensão e vestida a seu modo.

« Não é de agora que datão as satyras do nosso patricio ; já no anno de 1840 o *Guarda Nacional*, jornal d'essa capital, as publicava. A idéa frisante, o estylo conciso, trajado ao modo popular, fazia com que fosse avidamente procurado o numero do jornal, em que ellas vinhão; muitos rião e alguns se arrepellavão. Ainda agora o infeliz, que incorre em sua desaffeição, conte que tarde ou cedo servirá de debique no seio das familias, e d'ahi será levado em charola para o meio das praças, aonde o garoto e o mo-

leque se devirtirão á sua custa, cantando e assobiando a musica do Piparote. Garanto-lhe que neste genero o lapis da caricatura fica muito áquem da penna do poeta.

« Aqui vem a proposito uma censura ao Dr. Salomé : elle ha de perdoar-me por ser de amigo. Porque não segue elle o exemplo do padre Correia e o conselho do frade pernambucano Lopes Gama ?...

« Aquelle em suas satyras não se apodera da pessoa, criticando sómente os defeitos em geral, e este fazia o mesmo, começando sempre o seu faceto *Carapuceiro* com os seguintes versos que lhe servião de thema aos seus tão applaudidos artigos :

> « Seguirei nesta folha as regras bôas,
> « Que é dos vicios fallar, não das pessoas. »

« Será que pelos tempos que correm, se deva preferir Juvenal a Horacio ?... »

Em homenagem á alguns de meus confrades, e em signal de gratidão e apreço, dou igualmente publicidade ás saudações que me dirigirão. São as seguintes :

A meu amigo Sr. Dr. Salomé.

—◦—

Onde quer que tu existas
Attende, amavel Queiroga,
Que a tua ausencia sentindo
Nosso pranto nos afoga.

Depois que d'aqui sahiste
Não houve mais distracção,
Alterou-se a paz que tinha
Nosso terno coração.

Tristes victimas ficamos
Da mais acerba saudade,
Té nos serve de flagello
A mesma sociedade.

Nem mais bailes, nem mais prendas,
Tudo, tudo.... se acabou;
Levaste tudo comtigo,
Só saudade nos ficou.

Por outras mãos dedilhada
Lyra de amor desafina,
Por teus concertos suspirão
As musas da Diamantina.

Por teus patricios meneios,
Por teus requebros fagueiros,
Por teus bellos versos cheios
De costumes brasileiros.

Saudosas d'essa harmonia
Negão doce inspiração
Até áquelles que chorão
Queixumes do coração.

De teus acordes lembradas
Teu tracto só appetecem
De o gozar esperançadas,
Tudo mais, tudo aborrecem.

Volta, pois, e sem demora,
Vem a todos alegrar,
E emquanto a ausencia te aparta
Ouve a saudade fallar:

« Vive, Queiroga, seguro
« Da nossa pura affeição,
« Não destróe a sympathia
« Do tempo a pesada mão.

« Conservar tua lembrança
« Não carece prometter,
« Quaes nos viste, existiremos
« Té tornarmos a te vêr.

Manoel Quintino de Araujo Meirelles.

As producções poeticas d'este senhor são muito apreciadas na Diamantina, d'onde é elle filho. Satyrico e chistoso, tem epigrammas que

o povo conserva de cór, tão populares são elles.

Os versos que se seguem são de meu saudoso amigo o vigario Domingos, filho do Rio Pardo. As letras patrias muito perdem com a não publicação de suas obras, que de certo a enriquecerião se vissem a luz da imprensa. E' d'esses homens raros, cujo genio geralmente se admira.

Em vossos versos,
Vi, meu Queiroga,
Linda poesia
Trajando a toga.

Nem isso é novo,
Nem admira,
Diniz, Gonzaga
Tocárão lyra.

Musas não fazem
Damno aos doutores,
Antes com ellas
Têm mais favores.

Assim outr'ora
Já escrevêra
O decantado
Doutor Ferreira.

Nossos confrades,
Surgindo agora,
Dão novos cantos
A' nova aurora.

Vão abraçando
Vosso conselho,
Ramerrão lárgão
Lá do *pai velho*.

Do verso o genio
E' mais gentil
Vestindo as côres
Cá do Brasil.

Cantor amavel,
Novo, brilhante,
Tudo vos brada,
— Avante! Avante!

Constancia, amigo,
No bom caminho;
A mocidade
Quer vosso ensino.

Por vós guiada,
O facto o prova,
Faz já portentos
Na escola nova.

Da patria em nome
E bom conceito
Vos agradeço
Quanto haveis feito,

A' prol das letras,
Patrios costumes,
Embora a inveja
Tenha ciumes.

Gózo e admiro
Em vossos versos
Brasileos quadros
Vivos, diversos,

Feitos á sombra
Mysteriosa
De nossa virgem
Matta pomposa.

Junto ao sussurro
Das cachoeiras
Com proprias côres
Tão brasileiras.

Dão-me alegria;
Fazem saudade
De vossa amavel
Sociedade.

Eis de meus votos
Consagração:
— Eu vos saúdo,
E aperto a mão

Grão-Mogol, Outubro de 1857.

Exercendo eu o cargo de chefe de policia da provincia, dirigio-me o Sr. B. T. de Carvalho, filho de Ouro-Preto e alli residente, a seguinte cançoneta, que transcrevêo em um jornal litterario, do qual era elle o principal redactor.

A meu amigo o Sr. Dr. João Salomé de Queiroga.

Co'a branda pluma
Que leve impelles,
Qual sabio Apelles,
Pintas amor.

Fagueiras nymphas
No Eden nascidas
São attrahidas
Por teu amor.

Brandos acordes
De tua lyra,
A tudo inspira
Mavioso amor.

Rabida féra
Embravecida
Vê-se rendida,
Concebe amor.

Aos Céos, á terra,
Ao fundo mar,
Leis sabe dar
O teu amor.

A's engraçadas
Filhas de Minas
Tu meigo ensinas
Suave amor.

O' rico vate,
Do Deos mimoso,
Sabora o gôzo
De doce amor.

Mas em taes ditas
Não te embeveças
Tanto, que esqueças
De amigo o amor.

Cede á amizade
Por um instante
O teu constante
Saudoso amor

Ouro-Preto, Maio de 1848.

O Sr. Aureliano José Lessa, mais os Srs. José Paulo Dias Jorge, e João Innocencio de Azeredo Coutinho Junior, já fallecidos, dirigirão-me igualmente no anno de 1844 e 1845 suas saudações poeticas; mas sumirão-se esses autographos, e minha fraca memoria conserva apenas um ou outro verso de suas bellissimas composições dirigidas em meu louvor.

Com as transcripções acima não quiz fazer minha apologia, mas tendo em vista o seguinte pensamento :— *L'excès de modestie, est un excès d'orgueil* — devia fazê-las, até porque as considero excellentes e autorisadas adhesões.

PROLOGO

O desejo de metrificar dispertou-se em mim em o anno de 1828 na cidade de S. Paulo. Alli se achavão reunidos, além de estudantes de differentes pontos do Brasil, alguns, e não poucos, que voltavão de Coimbra para continuarem seus estudos na Academia Juridica que se acabava de installar. Moços enthusiastas, entretinhão-se em palestras politicas e poeticas.

D. Miguel mandára fechar a Universidade, contra esse attentado havião-se revoltado e não se cansavão de endeosar a liberdade. Repetião sobre aquelle vasto assumpto muitas poesias de Castilho Antonio, Alexandre Herculano, Garrett, e outros poetas portuguezes, com os quaes havião convivido. A' mim agradavão sobremaneira aquelles hymnos á liberdade; a elles já acostumado desde a infancia despertavão-me o enthusiasmo com que,

menino ainda, assistira ás festas de nossa independencia.

Por esse tempo fundou-se uma associação litteraria denominada—Sociedade Philomatica, da qual coube-me a honra de ser um dos instituidores. Forão socios della, além de outros illustrados cavalheiros, os Exms. Srs Drs. Fernandes Torres, Carneiro de Campos, e Cerqueira, então lentes benemeritos da Academia.

Essa escolha gerou em meu tenro espirito uma idéa animadora : julguei-me na obrigação de não desmentir o conceito que de mim havião formado meus companheiros ; e comecei a estudar, não tanto as materias do primeiro anno juridico, como os poetas de que acima tallei.

Em 1829 o corpo academico resolveu passar o dia 7 de Setembro nas margens do legendario Ypiranga em festas ao anniversario do maior dia do Brasil. Dos tres irmãos Queiroga o mais velho foi escolhido para fazer e recitar o discurso panegyrico ao grande dia. E'-me impossivel descrever a impressão causada por aquella patriotica locução, principalmente quando, finalisando o orador, convidou aos assistentes a beijarem a terra da Independencia em signal de homenagem ao inapreciavel beneficio que nós havia legado. Foi uma explosão de bravos unisonos repetidos por mais de seiscentas bocas. Foi tal o enthusiasmo, que até eu animei-me a repetir perante aquelle respeitavel e illustrado auditorio um soneto que havia feito, minha primeira producção politica, que só por essa razão conservo, e agora dou ao prélo.

Em S. Paulo compuz alguns versos eroticos. Nunca animei-me a publica-los, era justo esse receio, pela comparação que então fazia com os versos de outros companheiros, entre os quaes sobresahião Francisco Bernardino Ribeiro e meu irmão Antonio Augusto de Queiroga, que erão commigo os tres membros da commissão de critica da Sociedade Philomatica. Eu que presenciava a desapiedada analyse que faziamos ás producções dos outros socios, intimidava-me, e nunca animei-me a publicar as minhas, bem que uma ou outra cantiga, que a curiosidade delles surprehendeu, merecesse sua approvação. Algumas d'essas fazem parte da presente collecção, outras, porém, assim como todos os mais versos d'esse tempo, extraviárão-se, com o que pouco se perdeu.

Em 1833 ausentei-me de S. Paulo, lá ficárão os estimulos do meu éstro, mas, a mania dos versos acompanhou-me por toda a parte. Continuei a fazê-los por distracção, e quando se offerecia opportunidade e motivo.

Nunca me passou pela idéa ser autor, porque conheço não ter as habilitações para isso.

Este seculo laborioso, forte e creador quer que a poesia seja religiosa, fecunda, agricultora, operaria e fraternal.

Passou felizmente o tempo em que os poetas punhão todo o seu cuidado em metrificar, de mistura com suas paixões e sentimentos, a risonha crença dos Gregos. Era chegada a época dos Brasileiros abjurarem essa religião, que haviámos herdado da metropole ; mas ella estava sobremodo arraigada em nossos animos e costumes, e bem tem custado os primeiros ensaios para essa feliz regeneração. Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias muito fizerão nesse intuito, e a patria lhes é grata por tão relevante serviço. Pertence á nova geração, que esperançosa vai apparecendo, quebrar para sempre esses grilhões herdados, e ella o fará de certo, enthusiasta como é, e rodeada dos fulgores que o sol da liberdade dardeja-lhe neste solo abençoado, aonde tudo lhes brada — Avante !

Este pensamento acompanha-me desde os meus primeiros ensaios poeticos, mas, de acanhado e pobre engenho, nunca pude reduzi-lo á pratica ; entretanto em minhas insignificantes producções talvez se não encontre uma só que tenha o ressaibo do paganismo grego.

A musica tem popularisado muitas de minhas cantigas, e bastantes occasiões de prazer

já gozei ouvindo-as moduladas por labios de anjos, e fiquei bem pago com isso, sem ter mais outra alguma pretenção.

No fim do volume vão alguns versos politicos, bem poucos, como especimen, porque um volume maior do que o presente seria pouco espaço para os mesmos.

Outro tanto digo a respeito dos versos satyricos, em cuja classe entrão os Piparotes, que contra a minha vontade se têm dado á luz. São desabafos feitos só entre amigos, e não deverião nunca ter sahido do limbo.

Já disse e agora repito que « a poesia brasileira sahio a pouco das fachas da infancia, menina travêssa e caprichosa, respirando o ar puro, novo e independente d'este clima; desconhece o medo, vence os obstaculos, ou correndo pelas margens aprazíveis de nossos rios gigantescos, ou embrenhando-se nas selvas primitivas a engolphar-se nos mysteriosos aromas, que se exhalão d'ellas. Ora em pé nos pincaros agrestes de nossas montanhas, que topétão com as nuvens, ora desprendendo o vôo e desapparecendo nos paramos limpidos e transparentes de nosso céo sertanejo.

« Já vê o Sr. Pinheiro Chagas que semelhante criança é indomavel; por isso melhor será que a deixe entregue a si mesma, a vêr se com o correr dos annos toma a educação, que elle lhe quer dar.

« O contemporaneo póde chamar a bolos os vivos, que talvez queirão arripiar carreira, mas dar pancada de cego em defunctos não assenta, em quem se préza (*).

« Se fôsse licito ao sobrinho dar conselhos ao tio, eu diria (com muito respeito, já se sabe) que se fôsse inspirar na leitura do citado bosquejo. Perdôe-me elle tanta ousadia. »

Accresce que a mistura das raças devia produzir, como effectivamente produzio, uma linguagem nova que se irá melhorando para o futuro, mas sempre com o *typo proprio do paiz*; como tem acontecido com todos os idiomas. O illustrado critico portuguez, no meu entender, perde seu tempo, querendo obstar a nova propaganda como elle lhe chama. Máo grado seu ella irá marchando, como facto providencial.

(*) Referencia á critica apaixonada aos escriptos de Odorico Mendes, G. Dias e outros Brasileiros já fallecidos.

CANHENHO DE POESIAS BRASILEIRAS

A negra.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Pois tu chamas de irmanzinha
A tua pobre negrinha
Que estremece de prazer;
E vais pescar á tardinha (1)
Mandy, piáu, e corvina (2)
Para a negrinha comer.

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

Teus cabellos tão macios,
São como de sêda os fios;
Quando n'elles passo a mão
O corpo todo me treme,
E dentro do peito geme
Com zelos meu coração.

Meu branquinho feiticeiro, etc.

(1) A' tardinha começa a pescaria que prolonga-se pela noite adiante.

(2) Tres das melhores especies de peixes de nossas ribeiras (ribeirões); o mandy é de pelle, e os outros de escama.

Tua boca é mais cheirosa
Que lá do meu Congo a rosa,
Mais doce que o jatahy;
Se lá estivesse agora,
Os meus prazeres d'outr'ora
Deixára todos por ti.

Meu branquinho feiticeiro, etc.

Toda a noite, todo o dia
Ah! sempre, sempre eu queria
Estar só a te abraçar,
Nem ha nada neste mundo,
Que seja doce e jucundo
Como teus labios beijar.

Meu branquinho feiticeiro, etc.

Tu nunca déste pancada
Em tua negrinha amada,
Nunca, nem um beliscão;
Quando eu digo que te amo
E meu bemzinho te chamo
Tu me escutas com paixão.

Meu branquinho feiticeiro, etc.

De amores eu fico louca
Quando a tua linda boca
Doce me diz: « vem Né-né,
« Assenta ahi n'esse estrado:
« Eu estou muito cansado
« Vem me dar um cafuné. (3)

Meu branquinho feiticeiro, etc.

(3) Cafuné: estalinho dado com a ponta das unhas dos dedos pollegares, na cabeça, para fazer cochilar. Cochilar é verbo africano, equivale a dormitar.

E lá pela madrugada
Quando o somno mais agrada
Ao ouvido me vens dizer:
« Negrinha, fica deitada,
Que está fazendo geada
Dorme até o sol nascer. »

Meu branquinho feiticeiro, etc.

De manhã vais caçar paca
Lá no c'orgo da ressaca,
Trazes paca e tymboré; (4)
Voltando já á noitinha
Tu vens comer c'a negrinha
Quitute (5) no caboré. (6)

Meu branquinho feiticeiro,
Doce yó-yó, bom irmão,
Adoro teu captiveiro,
Branquinho do coração.

São Paulo, Setembro de 1880.

Viver d'amante apartado
E' morrer desesperado.

Dous entes n'um só vivendo
Sempre foi o summo bem,
E' portanto um mal horrendo
Não vêr a quem se quer bem.
Viver d'amante apartado
E' morrer desesperado.

(4) Tymboré: peixe do tamanho da sardinha, mais esguio, maior que o lambary.

(5) Quitute: palavra africana: é guisado de peixe ou de carne com quiabo, e angú, muito apimentado com malaguêta, gergelim, e gengibre.

(6) Caboré: panella pequena de barro ou pedra. Entre nós dá-se igualmente este nome a uma especie de coruja pequena.

Cada instante atiçar vem
A chamma que nos devora;
Lembramos um beijo, e cem,
E mais prazeres d'outr'ora.
Viver d'amante apartado
E' morrer desesperado.

A' noite dorme-se, e em fogo
A mente sonha e delira,
A amante abraça-se..... e logo
Acorda-se.... Era mentira!
Viver d'amante apartado
E' morrer desesperado.

De seus cabellos a esguia
Trancinha que só me resta
Fazer-me feliz devia
E é uma prenda funesta.
Viver d'amante apartado
E' morrer desesperado.

Olinda, Maio de 1836.

Crês tu que minha Joanita.

Crês tu que minha Joanita
Ficar possa mais bonita
Com rendas, laços de fita
E brilhantes no collar?
Que a vistosa e rica saia
Da fina irlanda, e cambraia,
O gorgorão e a cabaia,
A fação mais realçar?

Isso tudo é vão, postiço;
Minha yá-yá, meu feitiço,
Não precisa nada d'isso,
A belleza nella está.
E' bella na singeleza

Porque só a natureza
E' que realça a belleza
De minha doce yá-yá.

Vestido de fresca alvura
Sem ter d'enfeites mistura,
Unido á estreita cintura
Com certo geito e desdem;
No pescoço alvo lencinho;
Negro botim no pesinho,
Que parece um diabinho
A tentar a gente bem.

Tudo mais é vão, postiço;
Minha yá-yá, meu feitiço,
Não precisa nada d'isso,
A belleza nella está;
E' bella na singeleza
Porque só a natureza
E' que realça a belleza
De minha doce yá-yá.

E nos seus negros cabellos
Lustrosos, finos e bellos
Só presa em g'rampos singelos
A flôr do maracujá,
Isto unido á faceirice,
E mais natural denguice
Que está nos olhos a rir-se
De minha doce yá-yá.

Tudo o mais é vão, postiço;
Minha yá-yá, meu feitiço,
Não precisa nada disso,
A belleza n'ella está;
E' bella na singeleza
Porque só a natureza
E' que realça a belleza
De minha doce yá-yá.

Olinda, Outubro de 1836.

Tudo s'exalta!
A mim so' falta
Doce yá-yá

Entre alegrias
D'outubro os dias
Começão já:
Flauta invisivel
Mansa, sensivel,
Sôa acolá
No magestoso,
Alto, frondoso
Jequitibá;
E' a cantiga
Saudosa, amiga,
Do sabiá.
Tudo s'exalta!
A' mim só falta
Doce yá-yá

O vento quente
Suavemente
Soprando está
Fresca meiguice
Na superfice
Do caxangá,
E no sombrio
Veio do rio
Saltando lá
Fóra das aguas
Pois sente fragoas
A crumatá.
Tudo s'exalta!
A mim só falta
Doce yá-yá

A verde alfombra
Junto da sombra
Do jatobá,

Qual almofada
Alcatifada
Cheirando está
Com flôr singela
Branca amarella
Do camará,
E a larangeira
Que tanto cheira
Delicias dá.
Tudo s'exalta!
A' mim só falta
Doce yá-yá.

A chuva cresce
E amadurece
Tenro araçá,
Doce goiaba,
Jaboticaba,
Rugoso ingá,
Cajú gostoso
E o saboroso
Mandapuçá,
Cambucá bello,
E o amarello
Maracujá.
Tudo s'exalta!
A mim só falta
Doce yá-yá.

Tanta riqueza
Da natureza
Que Deos nos dá,
Ninguem quizera
Se não houvera
Mulher por cá.
Fôra querido
O Edem perdido
Sem Eva lá?
Oh! minha amada
Corre apressada
Vem para cá.

Tudo s'exalta!
A' mim só falta
Doce yá-yá.

Recife, Outubro de 1836.

Clarita.

A pobre Clarita com seus quinze annos
Baixinho dizia ingenua e afflicta,
« Fugir hei de sempre d'amor os enganos. »
Fugir póde acaso quem é tão bonita?

Joãosinho apparece, namora a mocinha;
Ao vê-lo tão bello seu peito palpita,
Mas não reflectia, corou, coitadinha!
Acaso reflecte quem é tão bonita?

Joãosinho lhe disse desfeito em ternura:
« Ah! dai-me um beijinho, mimosa Clarita. »
Negar não lhe poude do beijo a doçura.
Negar póde acaso quem é tão bonita?

D'um bosque vizinho bem dentro d'estancia
No gôzo do amante procura a desdita,
Mas nunca pensando na sua inconstancia.
Pensar póde acaso quem é tão bonita?

Depressa Joãosinho descobre outra amante;
Clarita magoada no céo olhos fita
Chorando o voluvel perjuro inconstante.
Chorar deve acaso quem é tão bonita?

Foi logo murchando aquella afamada
Belleza que á todos applausos excita,
E a pobre mesquinha soffria calada.
Soffrer deve acaso quem é tão bonita?

D'ahi a dous annos perdeu ella a vida;
Chorando vão todos da pobre Clarita
Pôr flôres na cóva com pena dorida.
Morrer deve acaso quem é tão bonita?

Sêrro, Outubro de 1844.

Oh! Lyra meiga e saudosa.

Oh! lyra meiga e saudosa
De meus ingenuos amores,
Que cantaste minha Rosa
Nos dias de seus fulgores,
Quanta esperança, quanta
Me déste de f'licidade!
Sua inconstancia canta,
E minha fidelidade.

Canta o fogo chammejante
Qu'em seus olhos fascinava,
O qual sua alma inconstante
Nem uma vez partilhava.
Ah! canta-a menina ainda
Já terno prazer sentindo,
Tão seductora, tão linda,
Ai! sempre, sempre fingindo.

Doce vóz fascinadora
Mais doce ainda fazia,
Quando tão provocadôra
Com terno sorrir mentia;
Tudo era interesse nella
Fraude, e engano de mistura;
Antes fôsse menos bella
E tivesse mais ternura!

Oh! lyra meiga e saudosa
Ah! consola minha dôr,
Falla-me sempre de Rosa,
De meu tão gostoso amôr!
De continuo acho-a mais bella,
Mais bella d'instante á instante;
Ai! queixo-me sempre d'ella,
Mas sempre estremoso amante.

Sêrro, Novembro de 1844.

Maman, não sei se vos diga.

Maman, não sei se vos diga
O que me causa fadiga.
Depois que vi Joaquinzinho
Me olhar com tanto carinho,
Diz-me a idéa á todo o instante:
— « Como passar sem amante? » —

Hontem vio-me nas campinas,
Enfeitou-me de boninas,
Depois disse: — « moreninha,
« E's das bellas a rainha,
« Deo-te o Céo a formosura,
« E deo a mim a ternura.

« Deos te fez para agradar,
« Portanto deves amar:
« E' dos annos no verdor
« Que se deve ter amor;
« Se deixas passar a idade,
« Has-de ter depois saudade.

Fiquei corada, e elle vio,
Um suspiro me trahio,
Joaquinzinho esperto amante
Aproveitou esse instante;
Quiz fugir, tomou-me o passo;
Julgai do meu embaraço;

Que tinha medo fingi;
Por f'licidade fugi:
Vali-me da retirada,
Mas que pena tão magoada!
A minha esperança finda
Se não puder vê-lo ainda!

Mocinhas de minha terra,
D'amor evitai a guerra;
S'algum moço vos olhar
Como quem deseja amar,
Fugi, que ha razão de sobra,
Como quem foge de cobra.

Sêrro, Novembro de 1844.

Desejos.

Ah! quem me déra
Tivesse a sina
De ser a relva
D'esta campina:
Nas tardes quentes
Teria a dita
Qu'em mim deitasses,
Mimosa Annita.

Ah! quem me déra
Ser doce brisa,
Eu refrescára
Tua camisa!
Ah! quem me déra
Ser brando ar
Para essa boca
Me respirar!

Agua bem pura
Quizera ser
Para em meu banho
Te receber.
E fina e branda
Toalha rara
Depois do banho
Eu t'enxugára.

A flôr que nasce
No teu jardim,
Tu me colhêras,
Meu Seraphim.
Teu lindo seio
Iria vêr,
Lá escondida
Feliz morrer!

Ser teu espelho
Quizéra, Annita,
A tua imagem
Qu'é tão bonita,
Reproduzira
Com singeleza,
E a esbelta graça
Rindo a belleza.

Eu reflectira
Teu terno olhar
Que faz meu peito
D'amor pular;
Esses teus gestos
Tão naturaes,
Quindins, requebros
D'amor signaes!

Ah! s'eu pudera
Ir a teu lar
Sobre teu leito
Meigo pairar,
E d'aureo sonho
Linda visão
Eu encantára
Teu coração!

Ah! s'eu tivesse
A f'licidade
D'uma mentira
Fazer verdade!
Não tenho culpa
D'isto que sou,
Ambicioso
Deos me formou.

Pois eu quizera
Amfim Annita,
Por qu'és amavel,
Por qu'és bonita,
Ter privilegio
De tudo ser,
Só para em tudo
Dar-te prazer

Sêrro, Dezembro de 1844.

Pitanga doce.

Ao quintal qu'era distante
Nós fômos colhêr pitangas;
Yá-yá, cansada, anhelante,
Collo nú, braços sem mangas.

Alvo lyrio avelludado
D'esses membros era a têz,
Porém de mais brilho ornado
Mais alvura e morbidez;

N'elles meus olhos ardentes
Eu fixei absorto logo,
Ella a rir-se mostra os dentes
Entre dous labios de fogo;

E entr'esses dentes d'esmalte
Toma a fruta, e os labios fecha,
Que presto e avido a assalte
Com pejo e delicias deixa.

Mas quando á meus labios veio
O sacrificio do pejo,
Ella treme com receio,
Dá-me a pitanga e o beijo.

Foi um momento divino
Cheio d'extase e de medo,
Que me dizia — malino,
« Goza bem, porém — segredo. »

Pitanguy, Novembro de 1834.

Supplica.

A brisa da noite alli derramava
O cheiro das flôres; a lua era cheia;
De luz e de aromas Lalá se inundava
Rósinha na horta sentada n'areia;

E d'ella transuda louçã mocidade,
Um cheiro mais grato que o cheiro das flôres,
Seus olhos suaves me dão claridade
Maior que a dos astros com seus mil fulgores.

Baixinho eu fallava. — Solemne essa hora
Inspira a nossa alma dulcissimo canto,
Em extase immenso no céo ella adora
De Deos a grandeza escripta em seu manto.

« A noite é tão pura, Lalá é tão bella!
Aos astros da noite eu disse por fim:
« Vertei assim puro o céo sobre ella,
« Seus olhos que vertão amor sobre mim. »

Salgado, Dezembro de 1839.

Botão de rosa.

Meu lindo botão de rosa,
Mais feliz do que eu vais ser,
Destino-te á minha Rosa;
O seio d'ella vais vêr,
Meu lindo botão de rosa.

No seio de minha Rosa
Feliz botão vais morrer;
Se eu fôsse botão de rosa
Morreria de prazer
No seio de minha Rosa.

No seio de minha Rosa
Tu acharás um rival,
Não brigues, botão de rosa,
A belleza — é sem igual
No seio de minha Rosa.

Mudai-me em botão de rosa,
Meu bom Deos, por compaixão,
Quero ser de minha Rosa;
Quando houver transmigração
Mudai-me em botão de rosa.

Sêrro, Setembro de 1861.

Tentação.

C'os pés dentro d'agua, que alli cobrejava
Dos buritys frescos por entre os palmares
Lalá desgrenhada, descalça brincava
Qual fada querida d'aquelles lugares.

Tremendo eu lhe disse: — « Lalá, olha, vamos
Passear lá no matto? » —De amores o demo—
Fez qu'ella me olhasse com o olhar supremo
Que resta á belleza da qual triumphamos.

Enxuga os pésinhos na relva lasciva,
De novo me encara sem tanto recato,
E a bella faceira ficou pensativa.
As aves cantavão no centro do matto.

Na sombra a cascata mugia saudosa,
Por entre as tacuáras Lalá me seguio,
A bella menina selvagem, medrosa,
Tremendo em meus braços por terra cahio.

Salgado, Dezembro de 1839.

Meus amores brazileiros.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

Não era por inconstante,
Isso não; era prudencia,
Que as bellas têm genio errante
Conheci por exp'riencia,
E julguei qu'era melhor
Fugi-las eu d'antemão,
Que vê-las com outro amor,
Bem que tivessem razão.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

A corteză carioca
Tem amores exquisitos,
Canta bem, e dansa, e toca
Com luxos, e faniquitos;
Mas d'ella Deos me defenda,
Não gósto de hypocrisia;
Doce amor a amor se renda,
Mas sem tanta cortezia.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

Da Parahyba as meninas
Com pasteisinhos de nata,
E faceirices malinas
D'amores a gente mata:
« Porque não foi, como disse,
« A' fonte do Tambyá,
« Preferio a golodice
« Lá da casa de yá-yá?

Pelas cidades e mattas
Cá do Brasil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

A bahiana dengosa,
Com um sorriso brejeiro,
Me dá garapa gostosa
De que ella bebeo primeiro,
E na esteirinha assentados
Ao alvissimo luar
De vatapá os bocados
Na boca me vem botar.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brasil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

Quantas delicias me deu
Pernambucana yá-yá,
Quando de mim se escondeu
Nos banhos do caxangá?
« Vamos p'ra casa, priminho,
Diz apressada a vestir-se,
« N'esse banheiro vizinho
« Tem gente, que está a rir-se.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

Mãosinhas e pés pequenos,
A tez de morbida alvura,
Languidos olhos serenos
A derramarem ternura,
A' todas em mimo excede
Nhá Tudinha de São Paulo,
E' houri de Mafamede,
Foi meu celeste regalo.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

« *Ai! mecê já me não gosta*
« Custa tanto a apparecer!
Quer fazer commigo aposta
Que novo amor já vai ter?
E como zangado eu fique,
Dos dedos fórma um grupinho
Com denguice, e pudor chique
De lá me atira um beijinho

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

Cahi emfim prisioneiro
De sinhá mineira bella,
Adoro seu captiveiro,
Fiel serei sempre a ella.
Minha lyra bandoleira
Só por ella hei de tanger,
Mas com saudade fagueira
De meu antigo viver.

Pelas cidades e mattas
Cá do Brazil viajei,
Morenas, alvas, mulatas
Com ternos *quindins* amei.

Sêrro, Outubro 1840.

Ah! velha tia Chiquinha Tu nada entendes de amor!

A velha tia Chiquinha,
Que tem oitenta janeiros,
Sempre me diz — « O' sobrinha,
« Foge d'homens lisongeiros:
« Ai! da pobre coitadinha
« Que ouvir algum seductor! » —
Ah! velha tia Chiquinha,
Tu nada entendes de amor.

Ninguem, tia, te acredita:
Pois s'algum moço elegante
Disser-me qu'eu sou bonita,
Devo fechar-lhe o semblante?!
Se eu fizer-lhe tal fosquinha
Terei insulto maior.
Ah! velha tia Chiquinha,
Tu nada entendes de amor.

Diz ella que os moços todos
Só cuidão de namorar,
E que por diversos modos
Procurão nos enganar,
Que ha de ser a ruina minha
O primo João.— Que horror!
Ah! velha tia Chiquinha,
Tu nada entendes de amor.

As moças de minha idade
Escutão já com prazer,
Sem que nisso haja maldade,
Dos moços terno dizer;
E quer qu'eu os fuja azinha?
Dir-lhe-hei com máo humor:
Ah! velha tia Chiquinha,
Tu nada entendes de amor.

Sósinha a pobre innocente
Vai passear, e vê Joãosinho
Qu'a inunda d'amor na enchente
Desviando-a do caminho;
E tanto que a pobresinha
Volta á casa e diz com dôr:
Ah! velha tia Chiquinha,
Tu entendes bem de amor.

Sêrro, Dezembro de 1844.

Adeos a Theresinha.

Adeos, adeos, Theresinha,
Que dura separação!
Antes que eu vá, Iá-iásinha,
Restitue-me o coração.
Ou já que o tens captivado,
Arrancando-o ao peito meu,
Fique em teu seio guardado,
E toma o resto que é teu,

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida.
Adeos, adeos.

Por esses encantadores
Momentos, que me outorgaste,
Pela linguagem das flôres,
Que tu mesma me ensinaste:
Ah! por essa allegoria
Na mudez tão eloquente!
Que diz o que não diria
Mesquinha a lingua da gente,

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida,
Adeos, adeos.

Por tua angelica frente
De quatorze primavéras,
Onde meu peito innocente
Ficou perdido devéras:
Por teus cabellos de seda
Com que brinca a viração
Branda, amorosa, e leda
Em doce namoração,

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida,
Adeos, adeos.

Por esse talhe invejado
Na estreita cintura preso;
Por teu cóllo torneado
Pelo qual tudo desprezo:
Pelos teus modos fagueiros,
Por teus *quindins* naturaes,
E *me-deixes* feiticeiros
Que me arrancão ternos ais,

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida,
Adeos, adeos.

Por essa boca onde vejo
Dous grossos coraes molhados
Entre os quaes tanto desejo
Ter meus labios engrazados,
E tão fragrante e mimosa
Que ao beija-flôr illudio,
Pois julgando-a fresca rosa
N'ella o bico introduzio,

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida,
Adeos, adeos.

De teu magnetismo, ó bella,
Como hei de me defender?
Se até a ave singela
Não escapa a seu poder!
Pela surpreza agradavel
Qu'então veio arfar-te o seio;
Pelo carmim tão amavel
Qu'então ás faces te veio,

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida,
Adeos, adeos.

Pelas franjas tão compridas
D'essas palpebras pesadas,
Que animão assim cahidas
Tuas faces nacaradas:
Por essas jaboticabas,
De teus olhos as pupillas,
Se de os abrir não acabas
Oh! que fogo então scintillas!

Ouve, ó querida,
Os votos meus,
Minh'alma e vida,
Adeos, adeos.

Mas tu choras?! que doçura
Têm essas lagrimas ternas!
Como abrandão a amargura
De minhas dôres internas!
Por essas per'las de amor
Que filtrão a teu pezar,
E que o timido pudor
Debalde quer occultar...

Basta, ó querida,
Os olhos teus
Já me dão vida,
Adeos, adeos.

Adeos, adeos, Theresinha,
Pensa em mim na solidão,
Não altere a ausencia minha
A nossa mutua affeição.
Sinto acerba dôr pungente
Meu coração retalhar,
É forçoso que me ausente,
Elle fica em meu lugar.

Basta, ó querida,
Os olhos teus
Já me dão vida,
Adeos, adeos.

Diamantina, Novembro 1844.

Retrato da mulata.

21

Crespa madeixa
Partida em duas,
As fontes tuas
Cercando assim,
Parece largo
Diadema airoso
De mui lustroso
Preto setim.

Que bem te assentão
Faces vermelhas
E sobrancelhas
Côr de carvão!
Jaboticabas
Frescas, brilhantes,
Como diamantes
Teus olhos são.

Se a mim os volves
Amortecidos,
E derretidos
Em doce amor,
As negras franjas
Á custo abrindo,
E desparzindo
Terno langôr,

Ah! que então sinto
Um tão amavel,
Tão ineffavel,
Vivo prazer,
Que extasiado
No gôzo activo
Se morro ou vivo
Não sei dizer.

Em tuas faces
Brilha serena
A côr morena
Do burity:
Teus labios vertem
Rosea frescura,
Cheiro e doçura
Do Jatahy;

E quando os abre
Do rir o ensejo,
Perolas vejo
Entre coraes:
Como são bellos
Assim molhados!
De amor gerados
Me arrancão ais.

Para roubar-me
Cinco sentidos,
Tens escondidos
Certos ladrões
Dentro do seio,
Bem disfarçados,
E transformados
Em dous limões.

A tua airosa
Bella cintura
O gosto apura
Em estreitar,
E o mais que á vista
O pejo occulta
Vontade exulta
Só de pensar.

Já que pintei-te,
Minha querida,
Venus nascida
Cá no Brazil,
Em premio dai-me
Muxôxos, queixas,
Quindins, *me-deixas*,
E beijos mil.

Sôrro, Outubro 1845.

Ai! basta, basta, nhanhã,
De me dizer—amanhã.

Succede a um dia outro dia,
Um mez succede a outro mez,
Acaba um anno, vem outro,
E sempre a esperar me vês,
A esperar por uma hora,
Por um momento a esperar,
Que para o constante peito
Não acaba de chegar:

Ai! basta, basta, nhanhã,
De me dizer—amanhã.

E prazer delicioso
Esperar pelo prazer,
Mas esperar toda a vida
Faz a gente esmorecer,
De amor nutrindo a semente
Só a occasião faz dar
Fructo que torna aguado
Chôcho prazer de esperar.

Ai! basta, basta, nhanhã,
De tanto, tanto—amanhã.

Quando já me desespera
O *não* de tua esquivança,
Um terno quindim me outorgas
Em que lampeja a esperança;
Quem começa acabar deve,
E' mui feio atrás voltar,
De nós o povo não diga
Que estamos a caçoar;

Ai! basta, basta, nhanhã,
Não digas mais—amanhã.

Resolve-te pois e busca
Opportuna occasião,
Vê que um *sim* é tão bonito
Quanto é rouco e feio um *não;*
E' fosquinha de criança
Estar de longe a mostrar
A teteia tão bonita
Que nunca se chega a dar.

Arre lá! dize, nhanhã,
É hoje—o nosso amanhã?

Bahia, Novembro de 1836.

Manjar do céo.

Yá-yá, não posso,
Por mais que faça
Pintar ao vivo
Teu modo e graça.

Não sei que noto,
Que vejo em ti,
Que n'outras bellas
Inda não vi.

Tens de agradar-me
Certo feitiço,
Qu'é desdenhoso,
Mas gósto d'isso.

Só me estimula
Sabor picante,
Do frio, e ensôsso
Não sou amante.

Moça bonita
Que tem burrão
E' lombo assado
Com seu limão.

Um teu—*me-deixa*—
Não dou, yá-yá,
Das outras bellas
Por um—*vem cá.*

Dellas eu déra
Carinho, agrado
Por esse bello
Chistoso enfado.

Muchôchos, raivas,
Mesmo uns rigores
P'ra mim são iscas,
E das melhores.

Quando me foges,
Ou me maltratas,
Mais me convidas,
Mais me arrebatas.

Ah! quanto é bello
Ver em teu—*não*—
O—*sim*—que fica
No coração.

Elle me torna
Audacioso,
Faz que te busque
Terno, amoroso.

E que te furte,
Anginho meu,
Dos doces labios
Manjar do céu.

Ouro Preto, Maio de 1848.

Na Philarmonica.

MADRIGAL.

Do puro lyrio
Doce perfume;
Da branda fonte
Meigo queixume;

O murmurio
D'aura fagueira
Por entre as flôres
Da larangeira;

O adeos do dia
Melodioso,
Que pouco a pouco
Se esvae saudoso;

O som d'um beijo
De casto amor,
Todo ternura
Prazer, sabor;

Da solitaria
Rôla que geme
O som magoado
Que ao longe treme:

O pensamento
Grande, sublime,
Que o Corcovado
Gigante, exprime;

Tudo emfim quanto
A idéa encerra,
Prazer celeste
Vedado á terra;

A melodia
D'arpa divina
He menos grata
Que a vóz d'Henrina.

Rio de Janeiro, Março de 1848.

Aos olhos de Maricota.

Maricota, anjo da terra,
Tudo quanto ha de melhor
Teu celeste olhar encerra
Para matar-me de amor.

Oh! se eu fallasse a linguagem
Que os anjos fallão no céo
D'esses teus olhos a imagem
Fizera no verso meo.

Pois que na humana expressão
Não póde a lingua encontrar
O que lê meu coração
Em teu myst'rioso olhar.

Ás vezes quaes scintillantes
Estrellas do clima teo
Negrejando rutilantes
Neste azul-ferrete céo;

Teus olhos sob essas pretas
Arqueadas sobrancelhas
Estão despedindo sétas
De abrasadoras centelhas.

Outras vezes, qual mimosa
Florinha do teu sertão
A quem em tarde calmosa
Languece o quente Suão,

Erguendo as franjas compridas
A' custo, e com languidez
Dizem cousas nunca ouvidas
Com eloquente nudêz,

Maviosas quaes gemidos
Da saudosa jurity,
Bem ao longe esvaecidos
No matto virgem d'aqui;

Nem o burity garboso
Das auras entre a frescura
Move tão brando e geitoso
Os seus leques de verdura,

Como então se movem lentos
Com tanta meiguice, e geito!!
N'um d'esses doces momentos
Elles cravárão meu peito.

Ah! Maricota, que amavel
E' teu olhar nesse instante,
E que prazer ineffavel
Nelle encontra teu amante!

Para eu ter na terra um céo
Onde o prazer é sem fim,
Eu te peço, anginho meu,
Que me olhes sempre assim.

Ribeirão, Maio de 1851.

Retrato da Capixaba.

Gentil Rosalina,
Teus lisos cabellos,
Lustrosos e bellos,
São côr de carvão.

Teus olhos fagueiros
São dous pyrilampos,
D'aqui de teus campos,
Que mais fulgor dão.

Já vivos, já ternos,
Já bem derretidos,
E sempre movidos
Sem nunca parar;

Estão disparando
De arcados sobr'olhos
Mil setas a molhos,
Que vêm me matar.

Na cutis mimosa
Com brilho e frescura,
Eu vejo a mistura
Da raça mogol;

Nas faces a rosa
Da India abrazada
Com viço creada
Ao teu quente sól;

Na boca pequena
Os labios dobrados,
Qu'são debruados,
De rubro setim,

Pontudos e claros
Dentinhos eu vejo,
Se os mostra o ensejo
De rir para mim.

Occultas no seio
Uns dous diabinhos
Ennoveladinhos
E sempre a pular,

Não são como os outros
Que as chammas devorão,
No céo em que morão
Um céo podem dar.

Em teu talhe esbelto
A graça se apura,
E a fina cintura
Abarco na mão.

E o mais que eu não digo,
Que o não quer o pejo,
Acende o desejo
Abraza a razão.

Não posso pintar-te,
Gentil Rosalina,
A imagem divina
Com tosco pincel.

De teus attrativos,
Mil dotes e agrado,
Mal tenho esboçado
A cópia infiel.

Ribeirão, Junho de 1851.

A' Marieta.

Amor, que é mais doce
Na terra das cannas,
As farpas tyrannas
Das setas quebrou,
E d'esses teus olhos,
Gentil Marietta,
Formando outra seta
Meu peito cravou.

Mais brilhão teus olhos
Qu'as plumas lustrosas
Das aves mimosas
Do ameno Brazil,
Ás vezes rutilão
Com fogo brilhante,
Que mostra o diamante
Por entre o esmeril.

São pardos luzentes,
Que côr tão bonita!
Um pardo que imita
Eril beija-flôr;
Quaes essa avesinha,
Ligeiros voando,
Estão fuzilando
Coriscos de amor.

Derretem-se ás vezes
Com tanta doçura,
Que sua pintura
Nem posso esboçar;
E nessa linguagem
De muda eloquencia,
De amor e innocencia
Me estão a fallar.

Ah! nesses momentos,
Socega, oh travêssa,
E encara sem pressa
Teu terno cantor;
Prolonga na terra
O meu paraiso,
Só d'isso preciso,
Anginho d'amor.

Marianna, Junho de 1848.

A Jaboticabeira.

Zizinha, repara
Aquella fronteira
Copada, e virente
Jaboticabeira.

Vê como se apinhão
Sem uma só falha
As frutas luzentes
No tronco e na galha.

Tão negra abundancia
Em si agglomerão,
Que tornão-se pretos
De pardos que erão.

Se fóra da terra
Se ostenta a raiz,
A fruta lá mostra
Seu negro verniz.

Por cima dos ramos
Insectos revoão,
Mil aves golosas
O centro povoão.

D'algumas vorazes
O bico não cansa,
E d'outras já fartas
A voz não descansa.

Repara como estas
Amores gozando
Com os tenros biquinhos
Se estão afagando.

Ah! como são doces
D'amor os emblemas!
Segue esses preceitos,
Zizinha, não temas;

Reparte commigo
Teus dons d'esta sorte,
Serei teu captivo,
Meu bem, té a morte.

Sêrro, Novembro de 1847.

A Nininha.

O BOTÃO DE BOGARIM.

Eu tenho um botão de rosa,
D'alva rosa bogarim,
Que na boquinha mimosa
Mostra uns laivos de carmim.

Collete apertado e estreito
Comprime voluptuoso
O captivo esbelto peito
D'esse botão amoroso.

Eu via sempre Nininha
Mui recatada, e medrosa
Guardando da vista minha
O tenro botão de rosa.

Ella o guardava, guardava,
Guardava muito. Uma vez
Como ella se descuidava
Olhei-o com timidez;

Nininha sobresaltada
Pôz-se a chorar, pôz-se a rir,
Quiz fugir, magnetisada
Não poude porém fugir.

De occulto encanto movida,
Emfim rompendo embaraços,
Por doce amor attrahida
Veio cahir em meus braços.

E disse cheia de pejo,
Toda amor, toda receio:
Toma o botão, eu desejo
Que elle se abra em teu seio.

Sêrro, Dezembro de 1850.

Á Chiquinha.

AS DUAS FLÔRES.

Por certa rua eu passava
Já pela terceira vez,
Uma alta sacada olhava
Com ternura e avidez.

Debalde, debalde olhava
Com olhar perscrutador,
Que alli sómente encontrava
N'um rico vaso uma flôr.

Mas d'essa flôr através
Por trás da vidraça clara
Eu vi pela quarta vez
Uma flôr muito mais rara;

Sorrio-me então essa flôr
Com seus dous olhos brilhantes,
Não dardejão mais fulgor
Dous claros, grossos diamantes.

Nunca sorrio tão amena
Na abobada estrellada
A estrella d'alva serena
Em serena madrugada.

Eis some-se a flôr d'alli. . . .
Mas dos olhos a impressão
Ficou bem gravada aqui
No fundo do coração.

Amor! Amor! sê propicio
Ao terno amante da flôr,
Dai-lhe um céo por beneficio;
Ah! sê-lhe propicio, Amor.

Bahia, Janeiro de 1836.

A' Marieta.

O DOCE AMOR DE YÁ-YÁ.

Na mistura de agro-doce
E' que a graça toda está,
Por isso é tão saboroso
O doce amor de Ya-yá.

Aguça o desejo
O amor de Yá-yá,
Um pouco azedinho
Qual doce araçá.

Nunca enfara o appetite,
E' bom sempre, logo e já,
Tem azedo estimulante
O doce amor de Yá-yá.

Aguça o desejo
O amor de Yá-yá,
Um pouco azedinho
Qual doce araçá.

O seu azedo é — *me deixa!*
—*Ai!* —*Vai-se embora*—*arre lá!*
Mais me attrahe com taes arrufos
O doce amor de Iá-lá.

Aguça o desejo
O amor de Yá-yá,
Um pouco azedinho
Qual doce araçá.

Ella me offende, e me foge,
E depois me diz—vem cá—
E' magico, é feiticeiro
O doce amor de Yá-yá.

Aguça o desejo
O amor de Yá-yá,
Um pouco azedinho
Qual doce araçá.

Tem carranquinha bonita
Com *muchôchos* qu'ella dá,
Tem raivinhas bem gostosas
O doce amor de Yá-yá.

Aguça o desejo
O amor de Yá-yá,
Um pouco azedinho
Qual doce araçá.

E tem mais certo feitiço,
Que eu não conto, e guardo cá,
Que requinta em attractivos
O doce amor de Yá-yá.

Aguça o desejo
O amor de Iá-iá,
Um pouco azedinho
Qual doce araçá.

Marianna, Novembro de 1848.

A' Nininha.

A SUAVE LEI DE AMOR.

Dictou na manhã dos sec'los
O Eterno Legislador
Para base das leis todas
A suave lei de amor.

Por isso abrangendo os entes,
Sejão da especie que fôr,
A todos elles sujeita
A'suave lei de amor.

Viceja o mimoso arbusto,
Desabrocha a tenra flôr,
O ipé gigante frondece,
A suave lei de amor.

Transmitte aos peixes no fundo
Das frias aguas calor,
No ar equilibra as aves
A suave lei de amor.

Abranda o leão valente,
E quebra ao tigre o furor,
Ameiga a serpe damninha
A suave lei de amor.

Origem das sociedades
É d'ellas o bem maior,
Os proprios selvagens doma
A suave lei de amor.

Se tudo humilde obedece
A' seu poder superior,
Porque te esquivas, Nininha,
A' suave lei de amor?

Entre todos os influxos
É seu influxo o melhor,
Está gravado em teu seio
A suave lei de amor.

Deixa-me lêr em teus olhos
Com cuidado, e com fervor,
O que produz em teu peito
A suave lei de amor.

Se eu descobrir que germina
Doce effeito em meu favor,
Ser-me-ha mais doce ainda
A suave lei de amor.

E em teus labios debruados
Com setim de rubra côr
Colherei fructos, que gera
A suave lei de amor.

Sêrro, Janeiro de 1842.

A' Marieta.

AMOR PERFEITO.

Yá-yá, teus olhos
Dentro meu peito
Ternos plantárão
Amor perfeito.

De teus carinhos
Com o doce effeito
Nutre, e viceja
Amor perfeito.

Por elle as outras
Flôres regeito;
Não quer ter socios
Amor perfeito.

Por isso mesmo
Mais me deleito,
Mais aprecio
Amor perfeito.

Mas temo ás vezes
Que impio e sem geito
Murche o ciume
Amor perfeito.

Pois dizem passa
Como preceito
Que nunca dura
Amor perfeito.

Yá-yá, dismente
O preconceito,
Eterno faze
Amor perfeito.

E em teu regaço,
Das graças leito,
Dá que eu desfructe
Amor perfeito.

Marianna, Julho de 1848.

A' Marieta.

FANIQUITOS DE YÁ-YÁ.

Yá-yá, meu íman
Sempre é e foi
Moça bonita
Com algum dodoi. (*)

(*) Palavra mineira, equivale a esta — Faniquito — usada no Rio de Janeiro. Doencinha passageira, quasi manha.

Tenho um gostinho
Particular
Quando te vejo
Gemer, chorar.

Moça que em pranto
Está banhada,
É rosa pura
Toda orvalhada.

Assim te vendo
Eu fico absorto,
Que assim pareces
Anjo do Horto.

Oh! como é bello
Chorar á tôa!
Não ha no mundo
Cousa tão bôa.

O céo permitta,
P'ra bem da gente,
Que tu estejas
Sempre doente.

Não te desejo
Mal de perigo;
Deos me defenda
De tal castigo;

Mas doencinhas,
Que passageiras,
Apenas trazem
Rôchas olheiras.

Yá-yá te fazem
Tão bonitinha,
Tão feiticeira
E engraçadinha.

Que assim desejo
Sempre te vêr,
Para comtigo
Tambem gemer.

Marianna, Novembro de 1848.

Ao fraldiqueiro de Modestina.

MOTTE.

Vendo em teu collo o cãosinho,
De inveja, e de raiva morro;
Para gozar-te o carinho
Eu quero ser teu cachorro.

GLOSA.

Lá do inferno um diabinho
Assentou com seus botões
Armar novas tentações,
Vendo em teu collo o cãosinho;
Para perder-me, o damninho
Metteu-se nesse cachorro:
Jesus! que medo! ai! soccorro,
Deita-o fóra pelo rabo,
Senão leva-me o diabo,
De inveja e de raiva morro.

Eu serei teu cachorrinho,
Para em teu collo viver,
Para tuas mãos lamber,
Para gozar-te o carinho.
Por amor de Deos, bemzinho,
Dai-me um amparo, um soccorro
De tuas fraldas no forro;
Quero ahi viver bem quente,
Quero ahi morrer contente,
Eu quero ser teu cachorro.

A' Leonorzinha.

O MEU AMORZINHO NOVO.

Tomára que nunca saiba
Bisbilhoteiro este povo
Quem é, nem como se chama
O meu Amorzinho novo.

Ninguem saiba onde elle mora:
Minhas cautelas renovo
Para esconder bem a todos
O meu Amorzinho novo.

Do mundo as delicias todas
No angelico seio eu provo,
Tem virtude, graça, encantos,
O meu Amorzinho novo.

Como adubo de seu serio
Os seus — *quindins* — não reprovo;
É do Brazil um feitiço
O meu Amorzinho novo.

Ao côcosinho ralado,
Assucar, canella, e ôvo,
No gostoso excede muito
O meu Amorzinho novo.

Dous côvosinhos nas faces,
Tem na barba um lindo côvo,
Alvos dentes, beiços rubros
O meu Amorzinho novo.

Gérão ternura os seus olhos
Quando os meus á elles movo,
Derrete minha alma toda
O meu Amorzinho novo.

A todo o instante por elle
A minha paixão renovo,
Me recorda amor antigo
O meu Amorzinho novo.

Ouro-Preto, Fevereiro de 1847.

Viva saudade.

Zisinha, eu soffro
De ti ausente,
Cruel, pungente,
Viva saudade.

Fere meu peito
A' todo o instante
Dôr penetrante,
Viva saudade.

A' qualquer parte
Que os olhos lanço
Sómente alcanço
Viva saudade.

Se na campina
Ancioso os fito,
Encontro afflicto
Viva saudade.

Diz-me a flôrzinha
Bordando a relva,
E ao longe a selva
Viva saudade.

Alvo regato,
Que alli murmura,
Diz com brandura
Viva saudade.

A perfumada
Aura que passa
N'alma repassa
Viva saudade.

Sabiá terno,
Lá modulando
Vai-me inspirando
Viva saudade.

Emfim, Zisinha,
Eu vejo em tudo
Tormento agudo,
Viva saudade.

Vejo nas flôres
Que em despedida
Dás-me sentida
Viva saudade,

Funcho, cypreste,
Chagas, jasmim,
Secco alecrim,
Viva saudade,

Dizem na phrase
D'allegoria,
Melancolia,
Viva saudade.

E agora mesmo,
Que ardente as beijo,
N'ellas só vejo
Viva saudade.

Ah! se distante
De teu agrado,
E' só meu fado
Viva saudade,

Vem dar-me vida,
Bella Zisinha,
Matando a minha
Viva saudade.

Ouro-Preto, Março de 1847.

A' flor — Não-me-deixes.

Creou meu pranto,
Correndo em fio,
O — *Não-me-deixes* —
Qu'ora te envio.

De meu destino
Zisinha bella,
Vê o transumpto
Na flôr singela.

Como eu que perco
Quasi a esperança
Se me fulminas
Tua esquivança.

Do desespero
Tem o modelo
N'esse tristonho
Centro amarello.

Qual d'ella em torno
Estão cravadas
Petalas rôxas
Tão magoadas,

Tal um perenne
Cruel tormento
Crava de espinhos
Meu pensamento.

Se as folhas suas
Verdes parecem,
Nas fataes portas
Amarellecem.

Assim no peito
Murchão-me em flôr
Alegres planos
Que gera amor.

Diz — *Não-me-deixes* —
E a todo o instante
Digo-te o mesmo
Terno e constante.

De ausencia o nome
Tem entre as flôres,
Tambem d'ausencia
Soffro os rigores.

Em tudo é ella
Viva expressão
De minha afflicta
Situação.

Ah! se teu seio
E' compassivo
Quanto é garboso
Bello expressivo!...

N'elle, Zisinha,
Com doce trato
Darás abrigo
Ao meu retrato.

Oh! que elle alcance
Um tal favor,
Não há no Mundo
Gloria maior.

Sêrro, Maio de 1845.

Versos escriptos no album de L. M. S.

NO MOMENTO DE MINHA PARTIDA DA BAHIA

Fevereiro de 1837.

Aqui deixo sepultado
O coração desditoso,
Com o meu nome banhado
Em pranto amargo e saudoso.

Triste pagina isolada,
De Eulina os olhos demora,
Quando sua delicada
Branda mão abrir-te uma hora!

E quando verter magoadas
Grossas per'las d'amargura,
D'entre as palpebras pesadas
Em pensadora ternura,

Repete á Bella
Meu juramento
N'esse momento
Encantador;

Dize que d'ella,
Sendo apartado,
Desesperado
Morro d'amor.

Não custa nada,
Vamos tentar.

Tem sido injusta
A minha bella,
Mas talvez qu'ella
Queira-me agora
Felicitar;
Não custa nada,
Vamos tentar.

Agua amollece
A pedra dura,
Minha ternura
Póde a ingrata
Branda tornar;
Não custa nada,
Vamos tentar.

Despreza ao fraco,
Mas arbitrario
Ao temerario
O Fado gosta
De auxiliar;
Não custa nada,
Vamos tentar.

E o que não póde
A diligencia,
Diz a experiencia
Que o mero acaso
Faz operar;
Não custa nada,
Vamos tentar.

De rigor tanto
Já esgotada
A minha amada,
Quem sabe se hoje
Me ha de escutar?
Não custa nada,
Vamos tentar.

Se isto acontece
Oh! que ventura,
E que doçura
Entre delicias
Hei de encontrar,
Embora custe,
Vamos tentar.

Sêrro, Fevereiro de 1845.

Duas tempestades.

Do céo a azulada esphera
Se enrola na escuridão
Com mysterio o medo impera
Nas iras do furacão.

O fuzil que amarelleja
Como a cauda de Satan
D'instante a instante flammeja
Grande qual Leviatan;

Negra nuvem pavorosa
Mal se arrastando pesada
Em granizos cahe ruidosa
Dos raios despedaçada.

Eu não temo, que d'Eulina
Nos doces labios se acende
Entre o jasmim e a bonina
Um riso que me defende.

Eulina bella,
Fez-me ditoso,
Com extremoso
E doce amor;

Nos braços ella
Me aperta anciosa,
Terna, amorosa,
Cheia de ardor.

Que dita immensa!
Ella emmudece
E desfallece
Perdendo a côr.

Sêrro, Outubro de 1842.

Serei louco hoje somente, Terei juizo amanhã.

De manhã quero constante
Seguir as leis da razão
E junto a um bello semblante
Ser austero qual Catão;
Chega a tarde, e inconsequente
Fico doudo ao vêr Nhanhã:
Serei louco hoje sómente
Terei juizo amanhã.

Vem amanhã, juro ainda,
E não cumpro o juramento,
Pois vendo Nhanhã tão linda
Não resisto um só momento,
Tira o sizo de repente
Doce sorrir de Nhanhã:
Serei louco hoje sómente,
Terei juizo amanhã.

Junto a ti, anjinho amavel,
Cumprir não posso a promessa,
Porque te furto inefavel
Um beijinho a toda pressa;
De amante assim imprudente
Qualquer jura é sempre vã:
Serei louco hoje sómente,
Terei juizo amanhã.

A—manhã—tão esperada
Para mim não chega mais:
Nhanhã, você é culpada,
Que tão bella sempre estás;
Nega-me os *me deixas*—teus,
Teus—*quindins*—tudo, Nhanhã,
Que eu juro até pelos céos
Ter bem juizo amanhã.

Sêrro, Outubro de 1845.

Mensageiro de amor.

Vai, passarinho,
Se não te sigo,
Crueis saudades
Ficão co'migo.

Vai vêr aquella,
Por quem suspiro,
Por quem ausente
D'amor déliro.

Pois que me prendem
Mil embaraços,
Qu'ora me impedem
Ir a seus braços.

Vai, mensageiro,
Em meu lugar,
Tua ventura
Fico a invejar.

Yá-yá, repara
Qu'essa avesinha
E' vivo emblema
Da sorte minha.

Traja amarello
Qual meu cuidado,
Que traz-me quasi
Desesperado.

A côr cinzenta
Traja tambem,
O desengano
Mostrando bem.

A' custo roja
Aurea cadeia,
Que o vôo impede,
Que os pés lhe peia.

A teus altares
D'ouro um grilhão,
Ata-me os braços,
E o coração.

Como é em tudo
Retrato meu!
Suppõem que é elle
Um outro eu.

Vê.... Se está preso
Tambem estou,
S'elle é captivo
Tambem eu sou.

Mas quão diversos
Nos fez o fado!
Tu me denegas
O teu agrado.

Se te procuro
Terno, amoroso,
Mostras-me o rosto
Tão desdenhoso!

Elle em teu seio
Vai desfructar
Gôzo inefavel,
Prazer sem par.

Pois que tal dita
Terá de certo,
Ouve um conselho
Qu'ora te offerto:

Entre seus labios
Mette o biquinho,
E nessas horas
Meu passarinho,

Liba as doçuras
Do jatahy,
Bahiano assucar
E o Paraty.

Cumpre teu fado
O' chupa-mel,
Emquanto trago
Da ausencia o fel.

N'um tal arroubo
Igual não ha,
Entre carinhos
Dize a Yá-yá:

Que o meu affecto
Tão grande é,
Estavel, firme
Como o Itambé.

Sêrro, Dezembro de 1845.

Rondo'.

Sabiá melodioso,
Meu saudoso companheiro,
Derradeiro um triste canto
Qual meu pranto solta ao ar.

Já cantei suavemente
Nestes sitios n'outra idade,
Porém hoje agra saudade
Só me consente chorar.
Brandas auras sobre as flôres
Meigas azas estendião,
D'alli suspensas me ouvião
Os amores meus louvar.

Sabiá melodioso,
Meu saudoso companheiro,
Derradeiro um triste canto
Qual meu pranto solta ao ar.

Nesse jatoubá (*) frondoso,
Escondido entre a espessura,
Já de teu canto a doçura
Eu folguei de acompanhar;
Zisinha estava defronte
No palacio ora deserto,
Para ouvir nosso concerto
Vinha á janella ficar.

Sabiá melodioso,
Meu saudoso companheiro,
Derradeiro um triste canto
Qual meu pranto solta ao ar.

O patrio Lucas (**) ao vê-la
Soberbo as aguas rolava
Seus louvores entoava,
Em fluida voz singular.
Agora vai triste e mudo
Junto ao Jatoubá despido,
Que n'um magoado gemido
Os galhos ouço abanar.

Sabiá melodioso,
Meu saudoso companheiro,
Derradeiro um triste canto
Qual meu pranto solta ao ar.

Sêrro, Janeiro de 1845.

(*) Jatoubá, arvore das selvas e campos brasileiros.

(**) Lucas é um ribeirão do Sêrro.

A' Carlotinha, no dia de seus annos.

A Primavera
Sempre constante,
Luxuriante,
Cá no Brazil,
No mez de Outubro
Dobra os verdores,
Requinta em flôres
De côres mil.

Como rainha
Soberba, airosa,
Então a rosa
Nasce gentil
No Sêrro ameno,
Paiz brilhante
D'ouro e diamante,
De céo de anil.

Tu és a rosa,
Anjo de amores,
Que entre as mais flôres
Cá no Brazil
No mez de Outubro
Trouxeste ao mundo
Prazer jocundo,
Encantos mil.

Entre as mais bellas,
O' Carlotinha,
És a rainha
Bella e gentil;
Brilhas entre ellas
Tão seductora,
Qual uma aurora
Em céo de anil.

Sêrro, Outubro de 1851.

A aposta.

Yá-yá, me paga a boquinha
D'aquella aposta renhida,
Mesmo assim iradasinha,
Assim mesmo constrangida.

Faça seus *quindins* e arrufos,
Dê bem *muchôchos* embora,
Comtanto que pague a aposta,
E que seja sem demora.

Gósto bem d'esses preludios
De desprezo e de rigor,
Esses laivos de soberba
Requintão mais meu amor.

Armar primeiro uma rusga
Antes de fazer carinho,
De amor nos banquetes todos
Foi sempre o melhor pratinho.

Olha que eu fallo a verdade,
Não minto nem por brinquedo,
Gósto mais do limão doce
Quando tem seu grumo azedo.

Eu te puxo agora mesmo,
Has de vir arrebatada,
Se não pagas por vontade
Has de pagar obrigada.

Vem já, Yá-yá, vem, diabo,
Com *muchôcho* e carranquinha,
Com raiva, arremeço e tudo,
Vem já pagar-me a boquinha.

Agora dai-me de graça
Mas uma, e seja sem ira,
Pois essa que foi roubada
Nem Santo Antonio me tira.

Ouro-Preto, Outubro de 1848.

A' Nininha.

A MINHA PRIMAVERA.

Já todo o mundo assevera
Que chegou a Primavera:
O campo é todo verdura,
E o sabiá com ternura
Já desprendeu a canção.

Pela risonha planicie
Pulula a flôr com meiguice;
Do Jatoubá na folhagem
Se espreguiça a quente aragem
Que anima a vegetação.

Em tão prazenteira lida
E' tudo amor, tudo é vida,
Qual a noiva em jubilo ardente
A natureza contente
Mostra em tudo ostentação.

Procuro entretanto ancioso
Aqui e alli pressuroso;
Por toda a parte inquerindo
Se acaso já terás vindo,
Nininha, meu coração.

Campo e flôr não me responde,
E o sabiá lá se esconde
Do Jatoubá na verdura,
Nininha, em toda a espessura
Minha voz te chama em vão.

Debalde nos arredores
Meus olhos indagadores
Procurão as delicadas
Tuas mimosas pegádas
Na branda arêa do chão.

Não vieste?! Ai, que tristeza!
Enganou-se a natureza;
Enganou-se, quem disséra!!
Não chegou a Primavéra
Ai! meu Deos, não chegou, não!

Sêrro, Dezembro de 1850.

Uma lagrima

NO TUMULO DE MINHA PRIMA A EX.ma SRA. D.
MARIANNA DA CUNHA PEREIRA MELLO.

Senhor, quizeste levar
No auge da f'licidade
Quem te havia gloriar
Em sua posteridade.

Da morte ao Anjo disseste:
Vai; e já, sobre ella passe
Ligeiro sopro celeste,
Um raio de minha face.

E elle foi prompto, e logo
Su'alma levou nos ares,
Qual uma lingua de fogo
Da chamma de teus altares.

Ai! debalde a mocidade
Vem por ella interceder,
E a doce maternidade
Junto a filhinha a gemer.

Debalde afflicto o consorte,
A mãi terna, o terno irmão,
Supplíca ao Anjo da morte
Que suspenda a austera mão.

Da morte ao Anjo disseste:
Vai; e já, sobre ella passe
Ligeiro sopro celeste,
Um raio de minha face.

E elle foi prompto, e logo
Su'alma levou nos ares,
Qual uma lingua de fogo
Da chamma de teus altares.

Oh! já não vive!... O lugar
Que a vimos na terra ter
Ha de vazio ficar,
Ninguem mais o póde encher.

Mãi, irmão, amigo, esposo,
Basta de pranto e de ais;
Ella é já um ser glorioso
Que lá vive entre immortaes.

Sua sombra eclipsada
Em o nosso entendimento,
Para a celeste morada
Seja o santo pensamento,

Por onde noss'alma ardente
Suba ao Todo-Poderoso
Por uma oração fervente
Em pio arroubo amoroso.

E eu a quem deleitava
Contemplar nella a virtude,
Que tão cedo não pensava
Soffrer um golpe tão rude.

Venho qual Martha e Maria
Pôr em sua sepultura
O incenso de Samaria,
Este canto d'amargura.

Pagando-te assim, bom Deos,
O preito de minha dôr;
Qual pranto dos olhos meus
Cahe elle à teus pés, Senhor.

Sêrro, Março de 1851.

O presente de rolinhas.

Á CHIQUINHA.

Amavel Chiquinha,
Das bellas rainha,
Recebo contente
Teu meigo presente
Tão proprio de ti:

Um par de rolinhas!...
Mas ai! coitadinhas,
Estão arrulando,
Gemendo e chorando
Saudades de ti.

Por seu alvedrio
O bosque sombrio
E o ninho deixárão;
O gôzo buscárão
De estar junto a ti.

Agora o máo fado
Trocou-lhes o estado:
Comtigo ditosas,
Commigo chorosas,
Suspirão por ti.

Se até a avesinha
Te busca, Chiquinha,
Que muito é que o peito
Me estale desfeito
Batendo por ti?

Ouro-Preto, Março de 1848.

Nada mais tenho A desejar.

Se com meus labios,
Em doce enleio,
Teu copo cheio
Ousei tocar,
E no alvo collo
Divino encosto
Pallido rosto
Pude inclinar:
Nada mais tenho
A desejar.

Cheguei a vêr-te
Toda anhelante,
N'um só instante
Rir e chorar,
Tendo teus labios
Nos labios meus,
E os olhos teus
Dos meus a par:
Nada mais tenho
A desejar.

E de teu peito,
Qu'eu vi arfando,
Halito brando
Pude aspirar,
Como o perfume
Da larangeira
Qu'aura fagueira
Faz exhalar:
Nada mais tenho
A desejar.

Nas livres ondas
De minha vida
Folha cahida
Eu vi rolar
De tua rosa,
Qu'inda em botão
Fez a paixão
Desabrochar:
Nada mais tenho
A desejar.

Ao tempo agora
Posso dizer:
De teu poder
Hei de zombar,
Vai-te com tuas
Já murchas flôres,

Só meus amores
Sabem durar:
Nada mais tenho
A desejar.

E bem que a taça,
Que me sacia,
Tua aza fria
Venha roçar,
D'ella uma gotta,
Impio e voraz
Não chegarás
A derramar;
Velho caduco
Pódes passar.

Sêrro, Novembro de 1845.

Ah! mamãi, que passarinho!

Ah! mamãi, que passarinho
Botou na minha gaiola
Meu bello primo Joãosinho,
Quando eu vinha lá da escola!

Hontem sem ninguem sabê-lo
Sahimos do povoado,
Vem cá, me disse, vem vê-lo
Debaixo d'este enramado.

Ah! mamãi, que passarinho
Botou na minha gaiola
Meu bello primo Joãosinho,
Quando eu vinha lá da escola!

Vamos já, eu respondia,
Não fuja o passaro teu;
Meu coração já batia,
Muito mais batia o seu.

Ah! mamãi, que passarinho
Botou na minha gaiola
Meu bello primo Joãosinho,
Quando eu vinha lá da escola!

Deu-me um beijo com meiguice,
Ralhei com o estouvadinho;
E' para apromptar, me disse
Do bello passaro o ninho.

Ah! mamãi, que passarinho
Botou na minha gaiola
Meu bello primo Joãosinho,
Quando eu vinha lá da escola!

Depois abrindo o alçapão
Me fallou — toma coragem;
E deu-me o passaro então
O melhor desta paragem.

Ah! mamãi, que passarinho
Botou na minha gaiola
Meu bello primo Joãosinho
Quando eu vinha lá da escola!

E' meu para sempre agora,
E' meu só; que doce objecto!
O meu captiveiro adora
Não quer ter mais outro affecto.

Ah! mamãi, que passarinho
Botou na minha gaiola
Meu bello primo Joãosinho,
Quando eu vinha lá da escola!

A' L. M. S.

Lá sôa o magoado bronze
Do dia a ultima hora,
Qual geme a rôla que ao longe
Do par a ausencia deplora.

D'esta secular mangueira
A' grata sombra e retiro,
Que frescura tão fagueira
Em longos sorvos respiro!

O' Christo!.... Que grandioso
Espectaculo diviso!!
Como em prazer jubiloso
Da natureza um sorriso.

Ou qual da cerulea amante
Do mar ao genio um afago
Se estende espelho gigante
A' meus pés immenso lago.

Sua lamina esplanada
Reflecte clarão ingente
D'alva chamma incendiada
Do sol, que cahe no occidente.

Como se ostenta quieto!
Nem o Norte, nem o Sul,
Nem marisco, ave ou insecto
Enruga seu seio azul.

Pelo espaço transparente
Perde-se a vista e se enleia,
Como da virgem na mente
De amor a primeira ideia.

D'entre os coqueiros alveja
A choupana da indigencia;
Ah! quantas vezes lhe inveja
A doce paz a opulencia!

Foge o palacio do grande
De amor a ingenuidade,
E terno e meigo se espande
Do pastor na soledade.

Na curva praia lá surde
Do pescador a jangada,
Que larga o trabalho rude
Voando aos braços da amada.

Ah! neste lugar, Eulina,
Que fez a meditação,
Tudo a amar-te me ensina,
Tudo falla ao coração!

Aqui abre a flôr o seio
Da tarde á suave brisa,
E brincando em doce enleio
De perfume o ar matisa.

Aqui do ramo frondoso
Pende a manga auri-rosada,
Sabiá melodioso
Sólta a canção namorada.

Aqui, apregôa a fama,
Fallou a primeira vez
A Princeza Bahiana
Ao amante Portuguez;

Jurando ao Filho do Fogo,
Como o fogo, amor ardente:
E do hymeneo fez Diogo
Este lugar confidente.

A grita longinqua e surda
Do commercio aqui resôa,
Qual ultima nota aguda
Que o orgão no templo echôa

Aqui se entrega minha alma
Dos prazeres a fruição;
Da saudade aqui se acalma
Acre-doce sensação.

Aqui contemplo a grandeza
Do Archetypo subido,
Em tudo encontro belleza
Em ti levando o sentido.

No sublime e vasto assumpto
Do bello ideal famoso
Eu vejo, Eulina, em transumpto
Teu retrato primoroso.

Mas vem a noite arrastando
O seu crepe roçagante,
Qual a donzella marchando
Para o sepulchro do amante.

Em per'las um pranto mudo
Rebenta dos olhos seus,
Na escuridão entra tudo;
Adeos, ó mangueira, adeos.

Bahia, Novembro de 1836.—No Passeio Publico.

A' F. S. L.

Felicia, meu anjo, sensivel mulher,
Escuta o gorgeio do eril sabiá,
Que aos echos ensina com tanto prazer
De amor a cantiga pousado no ingá.

No canto flautado parece dizer
— Amor só dá gozo, mais gozo não ha —
O mesmo preceito estão a conter
As flôres virentes e aromas do ingá.

Louçã primavera, que gera o prazer,
Inspira a cantiga do eril sabiá,
E em muda eloquencia faz ella nos vêr
D'amor a potencia nas flôres do ingá.

Amor, lei suave, gostoso dever,
Gravou Deos em tudo, que a terra nos dá;
Amor preludia d'ave o prazer,
Amor é que gera os fructos do ingá.

Louçã primavera lá foge a correr,
Sumir vão as flôres e o eril sabiá;
Felicia, meu anjo, tu deves ceder
A' amor que celebrão a ave e o ingá.

Provincia da Parahyba, Outubro 1836.

A' E. W.

Ezilia, são mais doces teus agrados,
Que o cheiro que derrama a larangeira,
São mais gratos que a sombra da mangueira,
Frescura dando aos peitos fatigados.

Melhor que a fonte que namora os prados
Tens a face risonha e feiticeira,
Nos olhos tens do sol a luz primeira
Dourando os horizontes apartados.

Airoso o collo teu, morbido e liso,
Suave reverbera o fogo interno
Que abrazou-me d'amor tirou-me o sizo.

Tens um modo tão bom, tão meigo e terno,
Que comtigo desfructo um paraiso,
E sem ti acho o mundo um negro inferno.

Ouro-Preto, Março de 1847.

Carlotinha no dia de seus annos.

Só canta amor e alegria
A musa de teu cantor,
Por isso vem neste dia
Cantar alegria, amor.

E pois que vê tambem ella
Em ti brilhar a virtude,
Permitte-lhe, ó minha bella,
Que em teu natal te saude.

Desculpa-lhe a singeleza
Em dizer-te em estylo rudo,
Que és boa por natureza,
Não por arte ou por estudo;

Que és boa só por condão;
Assim a rosa é fragante,
Assim tem por condição
Ser meiga a rolinha amante.

Eu que tenho a f'licidade
De cantar o teu natal,
Qu'é em nossa ferrea idade
De paz divina um signal.

De louvores não careço
Para festivo o brindar,
As flôres que te offereço
Fui em ti mesma encontrar.

E n'um ramalhete ameno
Ao mundo as ostento agora;
Não é de valor pequeno
O que meu peito enamora.

Belleza, graça e virtude
Vejo em teu corpo encerradas,
Nem temo que o tempo murche
Essas flôres perfumadas.

Se em meu mal disser-te alguem,
Que te affirmo lisongeiro
O mesmo que affirmo á cem,
Porque adoro o mundo inteiro;

Não creias, ó Carlotinha,
N'essa ruim lingua maldita,
E sabe que é sorte minha
Amar só moça bonita.

Quando louvo-te em meus versos
Eu rendo culto á belleza;
Se desprezas meus excessos
Insultas a natureza.

Com a feia ingratidão
Não manches, anjo d'amor,
A obra de perfeição
Que faz honra ao Creador.

Sê grata a quem tens rendido,
Não negues um beneficio
Que hoje, ó bella, te é pedido
Em teu dia natalicio.

Sêrro, Outubro de 1850.

A' L. M. S.

Se n'ausencia cruel estou privado
Dos ternos mimos teus, oh! meiga Eulina,
Se austéra não permitte a sorte minha,
Que eu volte a esse teu sólo assucarado (*);

Se o que quer é que viva desgraçado
Sem vêr dos olhos teus a luz divina;
Arrostando o pezar que me amofina
Serei com os seus decretos conformado.

Mas se o que te jurei, ardente affecto
Ella intenta esquecer, então da sorte
Baldarei vão esforço, e vil projecto.

Pois que esse doce amor está tão forte,
Que do peito arranca-lo, eu t'o prometto,
Só póde a fria mão da negra morte.

Pernambuco, Abril 1837.

A' mesma.

D'alva e rosada
Maçã fatal
No Eden perdido
Pomo do mal,

Fiel retrato,
Tão seductor,
Apetitoso,
Encantador!

(*) Provincia da Bahia.

Dentro do seio,
Em dous partido,
Eulina bella
Traz escondido.

Bem que recordem
Dôr e afflicção,
Gosta de ama-los
Meu coração.

Ao desditoso,
Triste mortal,
Doce Eden rouba
O original;

Mas delle a cópia
Quando diviso,
Gozo as delicias
Do paraiso.

Pernambuco, Abril de 1837.

A' Illma. Sra. D. Elidia Augusta.

Elidia, ouvindo tua voz sonora,
Em concerto mavioso tão serena,
Vem-me logo á memoria a cantilena
Que entôa o sabiá rompendo a aurora.

E confesso tambem, gentil cantora,
Que no peito me fica muita pena
De não podê-lo vêr em lide amena
Comtigo disputar cantando agora;

Quizera vê-lo, tendo-te elle ouvido,
Rouca suffocar a voz no seio,
No teu canto ficar todo embebido;

Quizera vê-lo arrepiado e feio,
De teus sons milagrosos atordido
As pennas arrancar de raiva cheio.

Rio de Janeiro, Março de 1848.

Improviso á mesa.

O SOBEJO DE SINHÁ.

Se eu possuisse os diamantes
Do Sêrro, e do Sincorá,
Dera-os todos se me déssem
O sobejo de Sinhá.

Das rosas tem o perfume,
Agro-doce do araçá,
Do caramêllo a doçura
O sobejo de Sinhá.

Do céo o manjar tão doce,
Que os anjinhos comem lá,
Eu não invejára tendo
O sobejo de Sinhá.

Assim mexido parece
Que tão gostosinho está!!
Que não ha valor, que pague
O sobejo de Sinhá.

Se na boca lambujada
A descuido um resto ha,
Oh, meu Deos! então requinta
O sobejo de Sinhá.

Deste mundo desgraçado
Ao céo me transportará,
Quando provar algum dia
O sobejo de Sinhá.

Lambendo os beiços de gôsto
Minha lingua então dirá
Toda a doçura que encerra
O sobejo de Sinhá.

Dirá então orgulhosa
Ninguem houve, e ninguem ha
Tão feliz como eu que provo
O sobejo de Sinhá.

Dirá..... porém o que intento?
Onde a lingua encontrará
Palavras tão doces como
O sobejo de sinhá?!

Sêrro, Janeiro de 1846.

O Adeos.

Adeos bosques, adeos flôres,
Adeos fonte, adeos verdura,
Adeos esperança, amores,
Adeos mundo, adeos ventura!

Que bello e doce attractivo
Vejo em toda a natureza!
Meu coração semi-vivo
Em tudo encontra belleza!

Que doce aroma respira
No casto seio das flôres!
Que sonora melodia
Na voz de alados cantores!

Do sol no occaso que alarde
Tão risonho, tão jocundo!
Oh! quanto é suave a tarde
Aos olhos de um moribundo!

Tambem no occaso da vida
Ainda a sorrir me atrevo,
Quando já na campa erguida
Uma lagrima vos devo?!

Quem déra agora esgotasse
De uma só vez o agro fel!
Talvez no fundo encontrasse
Alguma gôtta de mel.

Mas... talvez inda em meu peito,
Se mais me durasse a vida,
Amor me outorgasse o preito
De uma esperança cumprida;

Talvez inda uma alma houvesse
Que cheia de gratidão
Minha alma comprehendesse
Fallasse a meu coração;

Da atmosphera no seio
A flôr que perde a existencia
Derrama o aroma em cheio
Com sua ultima essencia.

Eu morro, e minha alma exhala
Triste som melodioso
Sem que escute amante falla
Meu ultimo adeos saudoso!

Recife, Novembro de 1836.

Saudades da infancia.

Lá da minha meninice
A longinqua melodia
Vem ás vezes com meiguice
Afagar-me a fantasia,

E verter-me dentro d'alma
Su'antiga honestidade,
Do pudor a santa calma,
E a primeira virgindade,

Qual pedaço donairoso
De canto que se esqueceu,
Que Mozart melodioso
Pensou, e não escreveu,

Doce cantiga singela
De uma aéria região
Saudosissima, e tão bella
Que enverdece o coração.

Oh! eu a repito ainda
Ás vezes quando adormeço;
E minha infancia tão linda
De novo gozar pareço.

Eu vejo então moldurados
Em uma fresca paisagem
Esses dias encantados
Da infancia encarnada imagem,

Passarem rindo em unida
Folgazan simples fieira,
Calcando a herva crescida
Do patrio Lucas a beira;

Na amena praia verdosa
Jogava a malha e a bola
N'aquella união ruidosa
Dos companheiros de escola.

Oh! como o tempo corria
Com puro e casto prazer!
Tudo era encanto, alegria,
No juvenil conviver,

Mas de cima dos outeiros
Desdobrava a tarde o veo
E nós a bradar ligeiros
Pára, ó tarde, o carro teu.

Ah! mova-te a compaixão
Nosso innocente brinquedo!
Não nos roubes o sól, não!
Pára, ó tarde, é muito cedo!

Deixa-nos inda correr
Pouco mais na praia amena
A hora que vai morrer
É tão bella e tão serena!

Ella surda não attende
Nossas preces, nossa grita,
De chumbo seu manto estende
Dos altos de Santa Rita (*).

E já na vizinha igreja
Toca o sino — Ave-Marias,
E ao longe só rumoreja
Os echos das alegrias;

Dispersando então dizemos
— Saudoso este mutuo adeos —
Que á brincar aqui voltemos
Amanhã permitta Deos.

(*) Igreja no Sêrro.

E que inefavel doçura,
De volta ao seguro ninho,
Encontrar-se de mistura
Reprehensão e carinho!

« Ah, meu filho que demora!
Diz nossa mãi consternada:
« Fóra de casa á esta hora?
« Depois de noite fechada?

« De vossos brincos cansado
« De Deos lembrai-vos agora,
« O bem é d'Elle emanado
« O bom filho grato o adora. »

Desvelada e piedosa
A' capella nos conduz,
Faz-se oração fervorosa
Ao Pai do Céo bom Jesus.

Assim o genio excellente,
Que o canto magico entorna
Torna minha alma innocente,
Meu coração puro torna.

Assim do tempo gostoso
De minha primeira idade
É talisman precioso
A doce e casta saudade.

Só ella guarda no seio
A chave d'ouro encantada
Com que abro sem receio
De minha alma arca sagrada.

São Paulo, Outubro de 1832.

Desalento.

Eu tenho no peito mui larga ferida
Por onde em continuo esvae-se-me a vida;
Mil vezes procuro com ancia cura-la,
Debalde! Nem mesmo já posso olvida-la,
Róe no intimo peito; a morte eu almejo
Com tedio da vida. que é já de sobejo,
E deixo a medida de seus podricalhos
Das çarças da estrada nos asperos galhos.

Oh! minha mãi terna, tu só conhecias
Meus negros pezares, fataes agonias:
Meu corpo é teu sangue, teu ventre meu lar,
Em ti nove mezes estive a morar,
Teu ser em teu leite passaste p'ra mim
Quem vio sobre um tumulo florir um jasmim.

Se junto do Eterno aonde descansas
Poderem chegar d'amor as lembranças,
Oh! mãi que me amavas, oh! tem compaixão
Do mal que devora o meu coração,
E d'esta agonia tão lenta a passar,
Do horror que me cerca, vem, vem, me livrar;
Estou mui cansado, apressa-te em vir,
Me anceia a fadiga, já quero dormir.

São Paulo, Novembro de 1832.

Allegoria.

PERFUME E LEMBRANÇA.

Viste ao sopro da manhã
Abrir-se a rosa louçã,
E depois d'ahi a um nada
Sua folha perfumada

Do valle juncar a estrada?
Eis chega a tarde apressada,
E nas azas orvalhadas
Leva as folhas espalhadas:
Mas o perfume que fica
Suave o lugar indica
Aonde reinou outr'ora
A rainha d'uma aurora.

Assim risonha a esperança
Diante de nós se avança,
Em nossa manhã fallaz,
E sobre o caminho lança
Flôres mil com mão fugaz;
Eis levantão-se apressados
Os aquilões com furor,
Levão nos sopros gelados
Flôres de prazer e amor:
Mas qual solitario odôr,
A lembrança ficará
Do bem que fizermos cá.

Cidade de Lavras do Funil, em 1862.

O que diz?

O que diz por entre as bellas
Cazuarinas singelas
Quando em filas estão ellas
Do vento a voz a gemer?
O que diz essa harmonia
Do toque d'Ave-Maria
Lá na ermidinha vazia,
Que de longe estás a vêr?

O que diz alta e copada,
Triste africana exilada (*)
Em floreo manto embuçada,
Fresco orvalho a gotejar?
O que diz assim amante
Esse vegetal gigante,
Do seu paiz tão distante,
Terna lembrança a chorar?

O que diz olhar singelo,
Tímido, languido e bello
De virgem que sem sabe-lo
Inspira ardente paixão?
Mais doce que o mel doirado
Do Jatahy perfumado,
Mais penetrante e afiado,
Do que o aço de Milão?

O que diz a brasileira
Gentil jaboticabeira
Quando fructos toda inteira
Com seu maternal amor
Sustenta insectos e aves,
Que nella fartão-se alarves
Entoando hymnos suaves
Ao profuso Creador?

O que diz a borboleta
A doudejar, sem ter méta,
Qual o misero poeta,
Vagando entre flôres mil?
O que diz tão branda e nua
Solitaria e meiga lua,
Quando mystica fluctua
Neste céo de claro anil?

(*) Arvore gigantesca, que d'Africa foi transplantada pelo illustre naturalista Dr. Couto ha 80 e tantos annos. Em Junho cobre-se toda de lindas flôres côr de rosa.

O que diz de madrugada
Por mil passaros saudada,
Lá na abobada azulada,
A estrella d'alva a brilhar?
O que diz de tardesinha
A sabiá coitadinha
Do par ausente sósinha,
Doce saudade a flautar?

O que diz zephyro brando
Docemente assoviando,
E frescura derramando
Nos leques do Burity?
O que diz regatosinho
Por entre a relva mansinho,
Qual fita de crespo arminho,
A cobrejar por alli?

O que diz esse profundo
Silencio meditabundo,
Que da floresta no fundo
Se escuta junto ao peráu?
Quando em seu limpido seio
A perturba-lo só veio
O innocente recreio
Da crumatá e piáu?

O que diz?... Diz o que a terra,
O que o céo, e o mar encerra,
Diz lei geral, que não erra,
Do Eterno Legislador:
Lei por elle promulgada
Lá dos sec'los n'alvorada,
Lei que em tudo está gravada,
Lei suave, lei de amor.

Diamantina, Maio de 1864.

O Tambiá.

A L. M. S.

Parabens, minha saudade,
E' deserto o Tambiá,
Nossa dôr e anciedade
Aqui ninguem mais verá.

Da noite a undecima hora
Lá geme o bronze em S. Bento,
Qual d'orgão nota sonora
Que ao longe esvaece o vento.

Não busco-te como o povo
Para refrescar-me a calma,
Que o fogo que sinto novo
Abraza-me o fundo d'alma.

Busco em tua soledade,
No mysterio de tuas agoas,
De minha afflicta saudade
Mitigar acerbas mágoas.

Da cidade aqui distante
Em teu sitio mavioso
Vem gozar um triste amante
O teu sussurro amoroso.

Ouço o echo despertado,
Que nestes sitios dormia,
Narrar do seculo passado
Singela sabedoria.

Nelle qual a voz queixosa,
Que um terno suspiro corta,
Dás a quéda harmoniosa
Que em minha dôr me conforta.

Sublime em tua rudeza,
Como o genio que te fez (*)
Derramas com singeleza
Uma terna languidez.

De verde musgo cingida
As bordas da antiga pia
Já do tempo carcomida,
Bem que d'asp'ra cantaria,

Corre sempre o teu regato,
Qual coração generoso,
Que se presta mesmo ao ingrato,
Sempre aberto ao desditoso.

Quantos segredos te guarda
Esse bosque de coqueiros
A ouvir tua voz magoada
Curvando os leques fagueiros ? !

Em teu socegado leito
Vejo a lua se mirar,
E a viração com respeito
Ao longe se espreguiçar.

Se me vês aqui de bruços
Comtigo, oh fonte, gemer,
E' para ouvir teus soluços,
Meus soluços responder.

Que nota suave agora
Teu sussurro desprendeu !
Da ausencia a dôr que devora
Dentro d'alma estremeceu.

Como nella me sorprende
A melodia divina,
Que entre prodigios desprende
Angelica voz de Eulina !

(*) Feita pelos Hollandezes.

Saudade, quanto flagella
Teu pungir desesperado!
Inda a pouco junto della
E agora tão separado!

A ausencia extingue minh'alma
Na voraz chamma de amor,
Sem um momento de calma,
Como delirio, com furor.

Se teu amor, bella Eulina,
Fórma agora minha essencia,
E' morrer em dôr ferina
O viver em tua ausencia.

Commigo identificada
Tua imagem singular,
Ah! mesmo dormindo, amada,
Vem com meus sonhos brincar.

Encontro-a por toda parte
Gravada na fantasia,
Acompanha-me dess'arte
Na tristeza e na alegria.

Esperança, arrimo nosso,
Tu, qual rosa entre os espinhos,
Vens lembrar-me que ainda posso
Gozar seus ternos carinhos.

Vê, oh! fonte confidente
De minha acerba afflicção,
Vê do prazer na enchente
Nadar o meu coração.

Vê... da tempestade as gottas
Já rebentão, vão cahindo
Em grossas lagrimas soltas
Teu espelho confundindo.

Parahyba do Norte, Abril de 1836.

O encontro na fonte.

Agua procuro com tanta sêde
Como o veado que os cães precede;
Ah! eis a fonte limpida e pura
Que farta as aves desta espessura.

Uma risonha, linda menina,
Sobre este espelho fresco se inclina;
Em sua fronte fulgurão bellas
Da margem flôres, ella quer vê-las.

« Dai-me esse pote! Morro abrazado
« Depois de tanto ter caminhado. »
Rindo ella escuta, se inclina ao chão
Apanha e bebe agua na mão.

« Menina, dai-me uma sómente
« Das margaridas, que ornão-te a frente?
« Tomai; mas ides tanto a correr!
« Longe do bosque vão já morrer...

Mal eu havia transposto a matta
Que o sol dardeja e as flôres mata,
Mas desse encontro conserva a mente
Fresca lembrança continuamente.

S. Paulo. Novembro de 1831.

Os beijos.

Terno arrullando
Meigo pombinho
Pede á consorte
Casto beijinho.

Quando amorosa
Ella o concede,
Outro de novo
Ligeiro pede.

Alcança logo
Mais um terceiro,
E depois deste
Vem um milheiro,

Sem que dos beijos
Farte a doçura
Sua golosa
Mutua ternura.

Vê como é doce,
O' minha bella,
A natureza
Pura e singela.

Imita exemplo
Tão innocente,
E não crimines
Por exigente

Ao teu constante
Terno amador,
A' quem não fartão
Beijos de amor.

Oh! e como elles
Me hão de fartar,
Se os tomo, e logo
Os torno a dar?

S. Paulo. Outubro de 1831.

Cantico á saudade brasileira.

Saudade, genio do pranto,
O' meiga filha d'ausencia,
Mixto de mágoa e de encanto,
De crueza e de clemencia.

Em cima do seio
As faces te inclina
A dôr que ferina
Te faz suspirar,
E de olhos tão brandos
E tão alquebrados
Os gozos passados
Assim a chorar!

Serena-te a doce frente
Esse teu gesto magoado,
E sobre o cóllo tremente
Côr de jambo assetinado.

Debrução-te crespas
As negras madeixas,
E tão tristes queixas
Estão a abafar,
Que apenas se escuta,
Qual n'harpa sagrada,
De corda estalada
Um vago oscillar.

Teu sorrir é semelhante
Ao bulicio entrecortado
D'um lago em sertão distante
De buritys bem cercado;

Das auras fagueiras
A fresca meiguice
A azul superficie
Não vai lhe enrugar;
Mas ella se agita,
Pois guarda no seio
Um jacaré feio,
Que a faz ondular.

D'ausencia, tua mãi crúa,
Terna filha, o tempo e o espaço,
Ah! só vence a força tua
Que em nada encontra embaraço.

As terras, os mares
Transpões n'um instante,
Amada ao amante
Consegues juntar,
E em doce apparencia
De realidade
A felicidade
Os fazes gozar.

Mas deste sonho acordado
Lá foge a illusão querida,
E então de novo cravado
Teu espinho sécca a vida:

Da gloria passada
Pungindo a lembrança,
Do peito a esperança
Tu vens arrancar;
E nesse abandono
Ferido, sangrado,
E todo esgotado
O vês estalar.

S. Paulo, Outubro de 1832.

Saudação do proscripto.

Philadelphia, eu te saúdo
Na voz do teu botocudo,
Na voz do africano rudo,
N'aspera voz do inglez,
Na doce voz do italiano,
Na guttural do germano,
Na do china e lusitano,
Na voz nazal do francez.

Eu te saúdo contente
Na voz de toda essa gente,
Que tão distante e diff'rente
A industria reune aqui;
E colma tuas estradas
Desde as altas esplanadas
Das risonhas Trovoadas (*)
Té o baixo Mucury.

Eu te saúdo incessante,
Quatro mil vezes triumphante,
Por quatro mil habitantes
Que afagas nos seios teus;
E com prazer verdadeiro
Eu te saúdo fagueiro
No idioma brasileiro,
Nos fraternos versos meus.

Com bordão de peregrino,
Cheio de pó do caminho,
Fatigado, em desalinho,
Nos labios o coração,
Mal avisto pressuroso
O teu muro tão saudoso,
Eu te dirijo offegoso
De minh'alma a saudação.

(*) Trovoadas—Alta esplanada ao entrar-se na matta do Mucury.

Salve! N'aurora da vida
Primogenita querida,
N'affeição estremecida
D'esse predilecto irmão,
A' quem com furor a inveja
O almo peito dardeja,
Só porque bem te deseja
E delle foste invenção.

Salve! um milhão de vezes,
Pois tragaste até as fézes
A taça de mil revezes
Sempre nobre e sem temer,
Sempre cheia de heroismo
Entre a honra e servilismo
Preferiste o ostracismo,
Antes quebrar que torcer.

Salve! das ruinas erguida,
O' bella ruina querida,
Tirada quasi inanida
Das garras de Satanaz! (*)
Teu sol hoje mais nitente
Derrama ouro candente
Na ramada alta e virente
D'ipés e jequitibás.

Mais sublimes e solemnes
São os mugidos perennes
Das catadupas infrenes
Do teu bello Mucury;
Mais suaves os perfumes
Que do sol entrega aos lumes
Em seus florecidos cumes
Cupan e bacupary.

(*) Satanaz—é o espirito de partido, que matou a empreza do Mucury.

Mais alegre se prolonga
Pela tua matta longa
O canto d'alva araponga,
Do mutum e zabelê (*)
Parece até mais cadente
D'arára o grasno stridente,
Sua plumagem luzente
Mais cambiante se vê.

Salve!! Em tempo não distante
De ferro o cavallo hiante
Possa transpondo offegante
Rio Doce e Sassuhy,
Penetrar teu matto umbroso,
Pasmar o indio medroso,
E enriquecer dadivoso
Estes centros por aqui.

De Minas no bello norte
O fertil terreno córte,
E venha mudar a sorte
Dos illotas do Brasil,
Venha impavido e sem risco
Fartando o povo e o fisco
Nas aguas de S. Francisco
Desalterar senhoril.

Salve!! N'orchestra animada
Da fouce, machado e enchada
A tua oração sagrada
Manda ao Celeste Juiz.
Deu-te o trabalho existencia,
Dar-te-ha elle a sciencia;
Do céo te guarde a clemencia:
Salve! Salve! Sê feliz!

Philadelphia. Maio de 1863.

(*) Mutum e zabelê são galinaceos do Mucury.

Saudade de quem morreu.

A saudade não morre no peito
De quem terno como eu sempre amou:
A lembrança do gozo passado
A saudade em meu peito gravou.

Tive um dia de amor cá na terra
Que um anjinho do céo me outorgou;
Esse amor foi de um sonho a ventura
E sómente qual sonho durou.

Era um anjo de Deos que bondoso
O Senhor lá do céo me enviou;
Eu amei-o com tanto respeito
Como nunca na terra se amou.

E na terra que o não merecia
Nem de leve suas azas manchou,
Só um dia de amor concedeu-me
Para o seio do Eterno voltou.

Alva garça que o céo azulado
Dos sertões brasileiros cruzou,
Ai! meu anjo batendo alvas azas
Para o seio do Eterno vôou.

Qual a nevoa que paira no cimo
Do alteroso Itambé e se esvae,
Erão puras e brancas, tão brancas!
Brancas azas que deu-lhe Adonai.

De azul-negro mutum cambiante
Seu cabello de preto setim
Solto vi uma vez... e mais nunca
Hei de vê-lo?... Meu Deos, ai de mim!

E seus olhos... Jesus! que doçura,
Que pureza em minh'alma filtrou!
Nunca em fundo perão mais brandura
D'alva estrella a mirar-se mostrou.

Dous rosarios de perolasinhas
Engrasadas em brandos coraes
Era a boca gentil tão celeste,
Que a não gozão na terra mortaes.

Seu bafejo suave era doce
Qual perfume que exala o cupan
Farfalhando mysterios sublimes
De Setembro na quente manhã.

Quantas vezes na matta sombria,
Junto ás tabas que o indio deixou,
Ermo o peito scismando sósinho
Meu anjinho saudoso chorou.

A saudade não morre no peito
De quem terno como eu sempre amou:
A lembrança do gozo passado
A saudade em meu peito gravou

Diamantina. Outubro de 1864.

A cruz do deserto.

Eu vejo uma cruz sósinha,
Mas a imagem santa não!
Com as folhas remoinha
Té nos céos o furacão!

Parece que o vendaval
Com um furor nunca visto
De sua arvore immortal
Arrancou o Santo Christo!

Solto nestas solidões
O horror quizera apanhar,
E com suas mil feições
Medonha estatua formar.

Da natureza abismada
Concentrar a exparsa dôr,
E pô-la crucificada
No lugar do Salvador.

Lavras, Outubro de 1861.

Resurreição de amor.

Se teve a morte a crueza
De vosso amor vos roubar,
Ao seio da natureza
Vosso luto ide levar

Na taba que foi deixada,
Onde renasce a verdura,
Na cachoeira isolada,
Dos bosques pela espessura.

Junto ao peráo solitario,
Quieto, meditabundo,
Por Deos escondido erario
Do matto virgem no fundo,

E vereis então surgir
Casta figura querida,
E as palavras repetir
Que vos dizia na vida,

E n'alma resuscitado,
Muito mais bello e seguro
Tereis o morto adorado
De humanas miserias puro.

Morre o coração p'ra ter
Pascoa, que a pedra levanta,
Pois que não póde morrer
De amor a affeição que é santa.

Diamantina. Maio de 1840.

Saudade.

Meu anjo, lembras-te ainda
D'aquella noite que infinda
Devia sempre durar?
D'aquella noite querida
Em que me roubaste a vida
Em que me viste chorar?

Tua lagrima tão bella
Foi como o orvalho singela
Nas flôres a gotejar,
Exposta assim livremente
Do céo ao vento inclemente
Ella não poude aturar.

Mas era um enfeite lindo,
E doce, doce cahindo
Em tua face a brilhar,
Como no seio das flôres
Augmentando-lhe os fulgôres
Fresco orvalho a rociar.

Bellas perolas luzidas
Do negro manto cahidas
Da noite em céo tropical,
Bellos rubis destacados
Dos cabellos orvalhados
D'aurora meridional.

Mas o meu pranto encoberto
Foi do angelim do deserto
Ardente amargo licôr:
O coração é morada
D'essa resina abrazada
De fogo immenso ao calôr.

E lá das vistas isenta
Em segredo se alimenta
A substancia de amor;
E nem transuda por fóra
Quando por dentro a devora
Abutre voraz da dôr.

Foi mister ferro e trabalho,
Com elles fazer entalho
Na epiderme vegetal,
Quando a dôr fazê-lo veio
A arvore gemeu do seio
Qual puro manancial.

Rojou o licôr brilhante
Como um accêso diamante
Ao sol d'Agosto a luzir;
Foi ouro, ouro candente,
Foi sangue, sangue bem quente,
Foi a vida a se extinguir.

Soffreu muito, soffreu tudo,
Mas não quiz morrer comtudo
A arvore a se esgotar;
E em sua força primeira
Ella revive ligeira
Depois do sangue estancar.

Porque espera a ventura,
Na primavera futura
Outra vez florescerá:
Mas do golpe a grande offensa
Oh! essa ferida immensa
Inda na epiderme está!

Ah! pensa, minha querida,
Na arvore assim ferida!
Bem que triste esse pensar,
Com indizivel encanto
Faz da saudade o pranto
Doce-amargo derramar.

Ah! pensa, pensa igualmente
N'aquella noite indulgente
E de alvissimo luar,
E no pobre abandonado
Que tu viste, ó anjo amado,
Quentes lagrimas chorar.

Diamantina, Janeiro de 1810.

Milagres cá do Brasil.

AO DR. STOCKLER.

Espera-se já e já
Companhia mui luzida,
Melhor que a que temos cá,
E muito mais escolhida;
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem um par de advogados,
Um formado e outro não.
Trazem pleitos só fundados
No direito e na razão.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem do jury um orador
Muito bom, claro e conciso,
Das partes respeitador,
Respeitador do juizo.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem sem labia um capangueiro (*)
Que não mente uma só vez,
Não vende nunca a dinheiro,
Ganha pouco — é boa rez.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Um magistrado prudente,
Que de estudar não se cansa,
De uns bellos olhos na frente
Conserva firme a balança;
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Marido á mulher unido
Com tanta fidelidade
Que ella só quer o marido,
Elle só sua metade.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

(*) Capangueiro é o negociante de pequeno fundo, muito parola e mentiroso, e nunca vende a credito.

Um pastor que não tosquia,
Honesto exemplar vigario;
Dá esmolas todo o dia,
Resa sempre o breviario.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem prégador afamado
Da santa Biblia cultor,
Não deseja ser louvado,
Quer salvar o peccador.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Um padre tão esmoler,
Que diz as missas de graça,
E se benze a vêr mulher,
Que é do diabo negaça.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem de lavra um feitor bravo
Tão cuidadoso e honrado,
Que nunca comprou do escravo
O diamante furtado (*).
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Um soldado com vergonha,
Musico sobrio e são;
E sem ter manha e peçonha
De orphãos um escrivão.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

(*) O melhor feitor de mineração negocia com o escravo.

Tutor desinteressado;
Um honrado fabriqueiro;
Escrivão que adiantado
Nunca recebeu dinheiro.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem irmãs de caridade
Sem lazarista nenhum,
E de S. Bento um abbade
Que não perde um só jejum.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem de padre uma caseira,
Que o povo inda não critica;
Vem tambem uma solteira,
Pancadão! viuva rica (*).
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Um inglez que odeia vinho;
Preto que não quer cachaça;
E mui bemquisto um meirinho,
Que se porta sem trapaça.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem mais um testamenteiro
Caracter nobre, um *mantena* (**)
Dá toda a herança ao herdeiro,
E nem lhe cobra a vintena.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

(*) Pancadão — exprime bella, bem feita, airosa e engraçada e rica, quando a moça é solteira.

(**) Mantena — equivale ao pé de boi dos portuguezes. Homem recto a toda a prova.

Medico sem impostura,
E palavrões da sciencia,
Que na clinica procura
Ter cuidado e sã consciencia.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Allemão sem bebedeira,
Portuguez com máo negocio,
Negro de padre e solteira (*)
Que nunca foi capadocio.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Boticario que a receita
Com drogas novas aprompta,
Nem cento por cento ageita
Do freguez cobrando a conta.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Vem uma moça mui bella,
Que procurou companheira,
E a tomou sabendo que ella
E' mais bella, e mais fagueira.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Menina que os quinze alcança
Ainda innocente ovelha,
Crê simplora que a criança
Se faz por dentro da orelha.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

(*) Negro: synonimo de escravo entre os Mineiros.

Uma beata completa,
Que as intrigantes odeia,
Da graça de Deos repleta,
Não critica a vida alheia.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Mulher, a quem a idade
Já os cabellos alveja.
De seu tempo sem saudade,
E as bonitas não inveja.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Solteira com mais de trinta,
Que a idade sabe contar,
Diz a todos sem que minta
Que nunca se quiz casar.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Moça bella e requebrada,
Sem quindins e cacuête,
Sendo por dez namorada,
Não recebe um só bilhete.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

. . . .
. . . .

Para salvar toda a gente
Vem tambem um jesuita
Mui santinho e penitente,
Austero qual eremita.
Vai vêr depressa, Innocente,
Se já chegou essa gente.

Diamantina, Outubro de 1869.

Ao Exm. Sr. Theophilo B. Ottoni.

Inglorio, inutil, deserto,
De virgens mattas cercado,
Nunca fôra descoberto
O Mucury tão prendado!
Essa gloria pelejada
Estava só reservada,
Pertinaz amigo, a ti
Ao homem do Mucury (*).

A inveja infame esbraveja
Contra ti, Amphião moderno;
Contra ti rouca troveja
A intriga filha do Averno.
Ruem por terra chimeras,
Pois se o Genio quer devéras
Ha de chegar ao fanal,
A inveja e intriga não val.

Tua constancia assombrosa
Foi, Ottoni, a maga lyra,
A' cuja voz poderosa
Philadelphia nos surgira.
Teu nome de bençãos cheio
Passará d'amor no seio
Da presente geração
A' vindoura gratidão.

Dos Yankees lida insana
Povôa as mattas d'Oéste
Da União Americana
Lá no Ohiio inda sylvestre.
Para symbolo de energia
Do virgem matto s'erguia
Uma cidade normal,
Cincinnati a capital.

(*) B. P. de Vasconcellos assim chamava-o por irrisão, e antagonismo politico, e talvez por julgar utopia aquella empreza ha muito concebida por Th. Ottoni.

E esse grande incremento,
Que pasmou pela presteza
Cede o passo á gentileza
Com que surge n'um momento
Philadelphia brasileira,
Pondo zelos altaneira
Com vistas santas e sãs
Do Norte ás suas irmãs.

Primogenita dilecta
D'alma industria, e do progresso,
Depressa corres a méta
Já formosa inda no berço;
E hontem apenas eras
Do indio e horridas féras
O exclusivo solar
N'esta matta secular!

Tu appareces tão bella
Aos olhos do viajante,
Qual namorada donzella
Indo ao thalamo do amante!
Com teu manto d'esmeralda
Com tua argentea grinalda
De camarás nenufar
Teus perfumes a exhalar

E em que valle ameno impéra
Do Mucury a princeza!
Mais outra assim não fizéra
A profusa natureza!
Transpira-se alli ventura,
Tudo é prazer, e fartura,
Tudo alli é profusão
Em doce amor e união.

Como é portentoso aquillo!
Que margens tão prasenteiras!
São ferteis como as do Nilo
Do Mucury as ribeiras!
A seára alli plantada

Sem trabalho é cultivada,
Tudo a terra alli produz
De seu sol á ardente luz:

E todas essas devezas
Até hoje desprezadas
Em mil diversas riquezas
Já vão sendo tranformadas;
A escolha que as germanisa
Esmerada as fertilisa
Com promptidão e primor,
E lhes augmenta o valor.

És Ottoni homem fadado,
Teu intento ao fim levando
Nos vais dando este eldorado
De révezes mil zombando;
És o genio do trabalho,
A enchó, a serra, o malho
Tua orchestra festival
N'esta festa industrial.

E o que não póde a vontade
Do genio que a industria afaga?
Faz surgir uma cidade
Tão longe, e em bravia plaga!
E..... Deos! que poder immenso!
Quebrar a flecha, e arco infenso
Do Gyporoka feroz!
Que ora em paz vive entre nós.

Quebra-lhe a audaz feresa,
Pôem-lhe na mão já domada
Os emblemas da riqueza,
O machado, a fouce, a enchada:
Ei-lo agil, prompto, activo,
Ei-lo um colono nativo,
Um prestante cidadão
A lavrar o seu torrão.

Salve pois, Ottoni amigo!
Da patria ornamento, e gloria!
Sou feliz porque consigo
Proclamar tua victoria;
Porque vejo infurecidas
A inveja, a intriga jungidas
Com desespero infernal
A' teu carro triumphal,

Tres vezes salve! teu nome
Nos corações tão gravados
Já o olvido não consome,
Será no futuro amado;
O Brasil agradeicdo
Na Europa o faz conhecido;
Ha-de a morte respeitar
O teu nome singular.

Philadelphia do Mucury, Agosto de 1857.

Os tres amores.

LENDA DO RIO DE SÃO FRANCISCO.

Com todos os seus thesouros
Chega Setembro a sorrir;
Meu Deos! que aurora tão doce
Que primavera a florir!
Com um laço de mil flôres
E perfumes a espargir
Vê-se o genio da harmonia
O céo com a terra unir.

Suas aguas azuladas
O São Francisco a extender,
E pelas margens verdosas
Suaves brizas gemer;

E d'um barquinho distante,
Como uma lyra a tanger,
Sobre as aguas prolongadas
Cantando uma voz dizer:—

« Como este lugar parece
« A Bahia de Stambul!
« Como chove ouro candente
« O Sol, de sua curúl!
« Do rio o genio aqui dorme
« Das aguas no seio azul,
« Nunca vi manhã tão bella
« No Missisipi do Sul.

« Oh! meu filho muito amado
« Privado da luz do céo,
« Eu amo tua innocencia
« E o meigo sorriso teu:
« Queres ouvir as grandezas
« Que a aurora hoje em nós verteu,
« Emquanto vôa, qual ave,
« Airoso o barquinho meu?

« Ouvir como os ares cruzão
« N'este céo d'almo esplendor
« Colhereiras côr de rosa
« Entre garças d'alva côr?
« Como os jaburús garbosos
« Do tamanho do condôr
« Erguem o vôo pesado
« Com um medonho estridor,

« Como vêm aves diversas
« N'um camalote a boiar,
« Qual bella colonia errante,
« Incerto paiz buscar;
« Com seus differentes cantos
« Immensa orchestra a formar;
« Como estão as areranhas
« A tona d'agua a folgar?

« Sim, tu queres, mas debalde;
  « Para que te heide pintar
« As immensas maravilhas
  « Que Deos á terra quiz dar!
« Não pódes da luz privado
  « Desgraçado apreciar
« Todas essas maravilhas,
  « Que tu nunca hasde encarar.

« Comtudo dizei-me sempre,
  « Que te parece este ar?
« Não é mais suave e doce,
  « Mais facil de respirar?
« Não sentes mais fresca a briza
  « Por entre nós suspirar,
« Tão gostosa e seductora
  « Estes sitios perfumar?

« Pois a frescura é das aguas,
  « Que em seu constante girar
« Em turbilhões mui ligeiros
  « Estão sempre a se exalar;
« Os perfumes são das flôres,
  « Que d'aurora no raiar
« Correndo por estes valles
  « Poude o vento desfolhar.

« Porém para que debalde
  « Para que te heide pintar
« A agua que foge, e as flôres
  « Que eu vejo desabrochar?
« Não pódes da luz privado
  « Desgraçado apreciar
« A agua que foge, e as flôres,
  « Que tu nunca hasde encarar.

« Meio dia em primavéra
  « Sabe o ar embalsamar;
« Sob o calôr que te cérca
  « Não te sentes reanimar?

« E' o sól, de Deos corôa,
  « Mil raios á dardejar
« Com sua luz innundando
  « O céo, a terra, e o mar.

« Mas eu me calo..... Debalde
  « Para que te heide pintar
« Os fógos que o céo derrama
  « N'este clima singular?
« Não pódes da luz privado
  « Desgraçado apreciar
« Alma luz que o sól derrama
  « Que tu nunca hasde encarar.

« Aqui bem longe do mundo,
  « De seu fingido sorrir,
« Não se houve discursos falsos,
  « Pois não se sabe fingir.
« Lá o mundo é um ribeiro
  « De lama tudo a tingir
« Mil flôres mas sem perfume,
  « As margens stão-lhe a cobrir.

« Portanto quando em silencio
  « Pozeres-te a reflectir
« Nas maravilhas immensas
  « Que deo-nos Deos a fruir;
« Consola-te então, meu filho,
  « O mundo com o seu mentir,
« Feliz oh! feliz mil vezes
  « Não hasde vêr nem sentir.»

Cantava o poeta..... Emquanto
  Morrem com o vento a zumbir
Suas palavras nas ramas
  Do Ipé soberbo a florir,
E que o bom filho em segredo
  Parece o pranto engulir,
Uma mulher n'outra margem
  Se vê alegre a sorrir

Mais veloz vê-se o barquinho
Então as aguas singrar,
Na fronteira margem logo
O moço em terra saltar,
O pai que ligeiro o segue
Sentido pranto a enxugar,
E a mulher entre os seus braços
O terno filho apertar.

De jubilo exulta o moço
E alegre põe-se a exclamar:
« Para ser feliz que m'importa
« O céo, a terra, e o mar!
« Aqui, aqui em teus braços
« Para conhecer e te amar,
« Minha mãi, eu não preciso
« Com meus olhos te avistar. »

Salgado, Setembro de 1839.

Hymno

CANTADO NA INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE SANTA CLARA Á PHILADELPHIA.

Irmãos, exultemos! a filha querida
De nossos desvélos já s'ergue gentil!
Profusa indemniza nossa aspera lida
Com mil attractivos, favores aos mil!

A fouce, o machado, a serra e o malho,
Irmãos e amigos, são nossos trophéos!
Gentil Philadelphia nasceu do trabalho
Bemdita dos homens, bemdita dos céos!

As minas se esgotão de ouro e diamante,
A antiga abundancia já ao povo não ri:
Mas nossa lavoura é sempre constante,
E' rico, e perenne, melhor Potosí.

A fouce, o machado, a serra e o malho,
Irmaõs e amigos, são nossos trophéos!
Gentil Philadelphia nascen do trabalho
Bemdita dos homens bemdita dos céos!

E sem o consumo que off'rece o mercado,
De nossos productos fartura que val?
Mas já do commercio o giro apressado
Valor lhes transmitte na estrada normal.

A fouce, o machado, a serra, e o malho,
Irmãos e amigos, são nossos trophéos!
Gentil Philadelphia nasceu do trabalho
Bemdita dos homens, bemdicta dos céos!

O genio da industria, tenaz, e constante,
Que Ottoni se chama cá n'este Paiz,
Nos deu este sólio de ceifa abundante
Dos indios, e tigres dobrando a cerviz.

A fouce o machado, a serra, e o malho,
Irmãos e amigos, são nossos trophéos!
Gentil Philadelphia nasceu do trabalho
Bemdita dos homens, bemdita dos céos!

Irmão predilecto, bom genio fadado,
Theophilo amigo, recebe oblações
Que nós t'off'recemos no altar consagrado
De nossos fraternos leaes corações.

A fouce, o machado, a serra e o malho,
Irmãos, e amigos, são nossos trophéos!
Gentil Philadelphia nasceu do trabalho
Bemdita dos homens, bemdita dos céos!

Philadelphia do Mucury, 1857.

A flor matutina e a flor da tarde.

A cada momento desprende-se ao dia
Nos passos que damos a flôr da poesia,
Mas d'essencia divina essa flôr tamanha,
Se em tudo apparece, um só é que a apanha.

N'um templo deserto de Deos na presença
Ardia sosinha alampada immensa,
Nas grades do côro em que se apoiava
Do intimo peito um velho resava:
Meus passos retumbão da igreja no chão,
Mas não despertárão o attento ancião.

Tambem junto a nave descubro ajoelhado,
E com as mãos postas, os brincos de lado,
Um tenro menino que orava absorto,
Meu bello transumpto do Anjo do Horto.

Estranho concerto! No santo lugar
O velho e o menino quem poude juntar?
A' alampada frouxa, e ao frio nevoeiro
Curvou este velho o máo desespero?
Que sonho tão bello de azul e de ouro
Lhe afasta dos olhos este infante louro?

De braços abertos para os dous inclinado
Sorri lá do throno o Deos humanado.
O' Christo Jesus, pai terno e amante,
Quem mais te ha tocado o velho ou infante?
Senhor, qual recende com mais suavidade
A flôr matutina ou a flôr da tarde?

Lavras do Funil, Maio de 1861.

A ermida de São Gonçalo.

De São Gonçalo na ermida
Vi a timida Isabel,
Que alli desapercebida
Me pôz seus olhos de mel;
Depois a vi reflectida
A' furto olhar-me de novo:
Meu Deos, entre aquelle povo
Quanto era bella sumida
De São Gonçalo na ermida!

De São Gonçalo na ermida
Entrei com alma gastada,
D'amor a illusão perdida,
Sem Deos, sem amor, sem nada;
Entre o povo alli sumida
Vi de Isabel a pureza;
Senhor Deos, tua grandeza
Me chamou por ella á vida
De São Gonçalo na ermida!

De São Gonçalo na ermida
Achei meu anjo da guarda,
Ganhei a graça perdida
Para esta alma abandonada,
Isabel chamou-me á vida,
Foi a minha redemptora,
Será minha salvadora,
Se me dér a mão querida
De São Gonçalo na ermida

Lages, Dezembro de 1852.

Os beijos.

IMITADO DO LATIM.

Se acaso, oh! bella,
Dado me fôsse
Beijar teus olhos
De olhar tão doce,

Ah! nem trezentos
Milhões de beijos
Me fartarião
Os meus desejos

Não; nem que fôssem
Tão numerosos
Como os diamantes
Claros, lustrosos,

Como os immensos
Granitos de ouro
Das tuas lavras
Do Sumidouro,

Aos meus desejos
Mesmo inda assim
Serião poucos,
Pois tinhão fim.

Lages, Dezembro de 1852.

O sonho.

IMITADO DO ALLEMÃO.

Quero-te, ó bella, contar
Uma ideia mui doirada,
Que hoje pela madrugada
Veio em sonhos me afagar;
Já vês que em ti só pensando,
Comtigo estava sonhando.

Tinha n'alma um bosquesinho
De sombria e espessa entrada,
Era gaiola encantada
De um lindo azul passarinho,
Que alegre e feliz cantava
E eu confesso, o escutava.

Correndo como um gemido
Uma fonte alli passava,
Que a flôr e a relva matava;
Ao seu funerio ruido
O passarinho dormia,
E o canto eu já não lhe ouvia.

Do bosquesinho frondoso
Por entre a folha ondeante
Passava sempre constante
Um sól de ouro luminoso
Querendo a fonte seccar,
E o passarinho acordar.

O passarinho era amor,
Erão fonte os olhos meus,
E o brilho dos olhos teus
Era o sól d'almo calôr,
Que dentro em minha alma cria
Lindas flôres de alegria.

Lages, Dezembro de 1862.

O ciume.

NÃO QUERO QUE GOSTEM D'ELLA.

E' doce, engraçada, e meiga
A minha querida bella,
Toda boa, e toda minha,
Não quero que gostem d'ella.

Se foi amada por outro,
Foi antes d'eu conhece-la;
Agora que me pertence,
Não quero que gostem d'ella.

É muito viva e discreta,
A razão não atropella,
De taes dotes namorados
Não quero que gostem d'ella.

No sentimento é sublime,
Nas expreções é singela,
Oh! que mistura tão doce!
Não quero que gostem della.

Amorosa como a rôla
Por mim suspira e anhela,
É simples como a ovelhinha,
Não quero que gostem d'ella.

Com respeito ella me trata,
Mas como filho me zela,
Eu preso por taes meiguices
Não quero que gostem d'ella.

Consinto que a louvem todos,
Mas não ouzem pretendê-la,
E' minha joia exclusiva,
Não quero que gostem d'ella.

O zelo dentro em meu peito
De dia, e de noite véla,
Ciumento sem motivo,
Não quero que gostem d'ella.

Ninguem perturbe a fortuna,
Que me fez a minha estrella,
Deixem que ella á mim só ame,
Não quero que gostem d'ella.

Lages, Janeiro de 1853.

Ao dia 7 de Setembro.

O' sete de Setembro, excelso dia!
Entre os dias de glorias o primeiro!
Salve mil vezes, dia brasileiro!
Nuncio de mil venturas, e alegria!

Sem ti, fraco o Brasil, o que faria
Sujeito a vil, nefando captiveiro
De um povo por demais aventureiro,
Que só nossos thesouros pretendia?

O' dia de poder, de magestade,
Tu quebraste os grilhões da dependencia
Com valor nunca visto, e heroicidade;

Tu legaste á brasilia descendencia
Os fóros de nação, a liberdade,
A vida, a honra, tudo, a independencia.

São Paulo, 7 de Setembro de 1830.

A Isabel.

POESIA INTIMA.

Mulher, meu anjo da guarda,
Meu thesouro, meu encanto,
Porque te amo inda agora,
Como out'rora te amei tanto?

Porque meu peito cansado
E já da vida na tarde,
Por teu amor ainda anceia
Na chamma d'amor em que arde?

É porque de teus encantos
Derramas com timidez,
Na bocca nectar suave,
Nos olhos embriaguez.

É porque de minha essencia
És parte a melhor, mais bella,
És carne de minha carne,
Minha adorada costella.

Vio minha alma á tua unida
O levita do Senhor,
Quando unio no altar sagrado
O que havia unido amor.

Embora o dever me obrigue
A separar-me de ti,
Minha alma não te abandona
Só está meu corpo aqui.

Tu és meu pólo do norte,
Eu a agulha namorada,
Que para o pólo querido
De contínuo está voltada.

Meu quente olhar offegante
Aspira teu doce olhar,
E vai saudoso voando
Á sombra delle habitar.

O Senhor, pai de bondade,
Mostrando sua grandeza,
Fez de ti uma fogueira
Dos fógos da natureza.

Para em teu peito prender-me
Fez de teus braços cadeia,
De dous compondo um só peito,
Minha alma por ti anceia.

Mesmo cá distante eu vejo
Teus afagos, teus carinhos,
Matar do pai a saudade
Pensando os tenros filhinhos.

Qual cordeirinho, que brinca
Com a agua, que está bebendo,
Em teus braços reclinado
O Salinhos estou vendo,.

A desfolhar melindroso
Com os labios, com a mãosinha
O tenro botão mimoso
De tua doce maminha;

Com simples gesto chamado
O traquino Salomé
Aprender sob teus dedos
A sciencia do A. B. C.

Eu a vêr em teu semblante
O sorriso da ternura,
Gozando assim a teu lado
Tanto amor, tanta ventura.

Fico então um rei supremo,
Todo amor, e providencia,
Deslembro os homens, e adoro
A Deos em sua clemencia.

Caridade, amor, dous nomes,
E um só poder intenso
De Deos designa a piedade,
Dos homens extase immenso!

Reuniste os dous amores
O amor da terra, e o dos céos;
Gozemos o amor da terra,
Sagremos o outro a Deos.

Ah! permitta o céo, querida,
Qu'em teus braços descansando
Suave eu acabe a vida
Tuas saudades levando.

O somno da morte mesmo
Será doce no porvir,
Se em teus braços carinhosos
Eu começa-lo a dormir.

Conceição, Junho 1868.

A passagem de Humaitá.

PARCE VICTIS.

A nova Esphinge Tebana
Féra, altiva e soberana,
Da tyrannia o refem
Sentada á margem do Prata
A ninguem já sobresalta
Nem aterra a mais alguem.

Parabens, ó Brasileiros!
Nossa esquadra de guerreiros
Esse enigma decifrou,
Ao Brasil pertence a gloria
Ungida pela victoria
Que nossos fóros lavou.

Que fortaleza medonha!
Com ella a Europa ainda sonha
Quando já por terra está,
Agora só resta a fama,
Mais a deshonra tamanha
Da soberba Humaitá.

Correntes d'enormes barras
Vinhão prender-se nas garras
Do terrivel monstro vil;
De especies mil o torpedo,
Canhão que mettia medo
Com a boca aberta, eril.

Mil tropeços e embaraços;
Do inferno um milhão de laços
Poz medo ás outras nações,
Mas o Brasil é gigante
Não temeu foi por diante,
Vencendo os féros Dragões.

Era uma chuva de balas
Das duas fronteiras álas
Do Timbó e Humaitá,
A nossa Esquadra brilhante
Passou por ellas triumphante
E da Esphinge rindo está;

Pois qual ligeira barquinha
Deslisa em planta marinha
Se a brisa fresca soprou,
Tal sobre as fortes correntes
Que se curvão reverentes
Nossa Esquadra velejou.

Meu Brasil, como estás bello!
De Cuevas, Riachuélo,
De Mercêdes a victoria,
Curuzú, e mais jornadas,
Perolas são engastadas
Em tua c'rôa de gloria;

Onde scintilla o diamante
Que mais fulgura radiante
Da Patria ao ardente sól,
O mais soberbo e luzente
A tomada sorprendente
Da nova Sebastopól.

Tu foste valente, e bravo,
E o Paraguay povo escravo
Já se curva ao teu pendão;
Sê com elle ora indulgente,
É grandeza o ser clemente,
Dai ao mesquinho perdão.

E depois, Brasil, ávante!
És a Potencia imperante
Cá na America do Sul.
Dicta as leis da liberdade,
União, fraternidade
De Santa Cruz na curúl.

Sêrro, 1868.

Trovador.

Trovador, engrinalda essa lyra,
E modúla canções só de amor;
Pois quem ama é feliz, não suspira
Os plangentes accentos da dôr.

ESTRIBILHO.

Quer que a flôr com odôr não perfume
Doce brisa, que a frisa, a correr;
Quer amor sem ardor do ciume
Quem deseja firmeza em mulher.

Em teus labios suspende o queixume
Contra a essencia gostosa de amor;
Do que val o amor sem ciume?
Sem perfume, que val pobre flôr?

Se da brisa é o quente bafejo,
Que derrama o aroma da flôr,
É o gelo, que accende, o desejo
O requinte no gozo de amor.

Cá na terra, onde tudo varía,
Na mudança consiste o prazer;
O mudar faz do mundo a harmonia,
Só não muda a constante mulher.

Diamantina, Maio de 1864.

A' L. M. S. no dia de seus annos.

Dizer que em teu natal, querida Eulina,
Raia mais claro o sól neste horizonte,
E que para louvar-te a clara fonte
Vai correndo mais branda e crystallina;

Dizer que traja flôres a campina,
Que exulta de prazer aquelle monte,
Que das aves a orchestra alli defronte
A estes sitios o teu nome ensina;

Dizer isso, meu bem, não é louvar-te,
É juntar, ao contrario, em teu desdouro
D'argucias um montão, vituperar-te.

Direi que te aprecio mais que o ouro
E que dizem de ti por toda a parte
Que de graça e virtude és um thesouro.

Bahia, Fevereiro de 1837.

Resposta á poesia do admirador das Damas.

Musa do Sêrro,
Iáiá, me inspira,
Dá que eu fulmine
Tanta mentira.

Põe-me nos labios
A voz de Homero,
Zurzir me ensina
Esse outro Néro,

Que como aquelle
Monstro infernal
Da mãi no seio
Crava o punhal.

Broquel me sirva
Para a defesa
Tua bondade,
Tua belleza.

Na arena o vate
Assim munido
Tenha o triumpho
Que te é devido.

Mostrando ao mundo
Que todo o bem,
Toda a ventura
Da mulher vem.

Toda a ternura,
Todo o prazer,
O encanto, e tudo
Vem da mulher.

Qu'ella é da face
Do Creador
Um reverbero,
Cofre de amor.

Vivo compendio
De perfeição,
Da formosura
Doce expressão.

Rica de brandos,
Meigos carinhos,
É como a rosa,
Mas sem espinhos.

Rica de prendas,
Graça, e belleza,
Prodigio immenso
Da natureza.

De nossos gostos
É companheira,
E nos desgostos
A derradeira.

Em nossas mágoas
Consolação,
E nosso amparo
É na afflicção.

Na infancia é ella
Só quem nos rege,
Na juventude,
Quem nos protege,

Com seus encantos,
Seu terno mimo;
E na velhice
É nosso arrimo.

E ousaste, ó louco,
Erguer a voz
Contra a metade
Melhor de nós?.

Se por indigno
Não és querido,
É tal desprezo
Bem merecido.

E como as bellas
Terão amor
A quem lhes causa
Tamanho horror?

Tua conducta
As justifica,
Da parte d'ellas
A razão fica.

Homem.... não, monstro
Só póde ser
Quem se conspira
Contra a mulher;

E contra ella
Produz ideias
Filhas do inferno
Negras e feias.

Ninguem te disse,
O' miseravel,
Que é vil, nefando
Que é execravel,

Ferir o seio
Que meigo, e terno
Te deu tão doce
Leite materno?!

De hircanea tigre
Foste gerado
Não — de um penedo
Tu és formado

Pizaste a honra,
A fé pizaste,
Covarde, ingrato,
Tu vomitaste

Tua atra bilis
Fétida, impura
Sobre a innocencia
Sobre a candura;

Opprobrio feio,
Refúgo immundo,
Da natureza,
De todo o mundo.

De nós distante
Leve-te o horror
De teus delictos,
Judas traidor;

E perseguido
Do mundo inteiro
Seja o remorso
Teu companheiro.

Sêrro, Novembro de 1846.

Os annos de Josefina.

Qual em fresca madrugada
Desabrocha a alva bonina,
Vem sorrindo n'alvorada
Os annos de Josefina.

Meiguice, graça, e belleza
A natureza combina,
E prenda assim com nobreza
Os annos de Josefina.

Do corpo os dotes prendendo
Uma alma toda divina
Nas virtudes vão crescendo
Os annos de Josefina.

São lindos annos devéras
D'essa idade peregrina,
São dezeseis primavéras
Os annos de Josefina.

Derão-lhe a côr de rosa,
D'alva cecem a côr fina,
E derão-lhe a têz lustrosa
Os annos de Josefina.

Ser geralmente estimada
É sua doirada sina,
Trouxerão-nos uma fada
Os annos de Josefina.

Por isso tomo hoje a lyra,
E apezar de não ser dina,
Canto o que amor me inspira
Os annos de Josefina

Ouve meu desejo ardente,
Oh! linda, amavel menina!
Deos prolongue felizmente
Os annos de Josefina.

Sêrro, 1866.

No dia natalicio de Isabel.

O bom dia de teus annos
Já surge alegre, e gentil
Neste paiz dos diamantes,
Neste Céo da côr de anil

GLOSA.

Dissipou-se o extenso inverno
Que nos causava mil damnos,
Conduzindo o sól radiante
O bom dia de teus annos.

Foi-se a chuva, e nevoeiro,
A trovoada, o fuzil;
A seára quasi morta
Já surge alegre e gentil.

Já os passaros gorgeião
Pelos bosques verdejantes,
Róla o rio areias d'ouro
Neste paiz dos diamantes.

Ah! quantos favores trouxe
Teu dia de encantos mil!
Como se ostenta risonho
Neste céo da côr de anil!

Lages, 24 de Janeiro de 1856.

A Madeixa.

Canto d'Eulina
Um attractivo,
Que o livre peito
Me fez captivo.

Entre mil outros
Dotes, resalta
Esse perfeito
Sem uma falta.

Longo cabello
De sêda fina,
Que orna-lhe airosa
Frente divina

Acaso sôlto
Um dia o vi,
D'amor e gôsto
Quasi morri.

Corou-se Eulina
Vendo-me assim,
Envergonhada
Fugio de mim;

E então na fuga
Entregue ao vento
Essa madeixa
Era um portento!

Com tal negrura
Tão luzidia
Pelo alvo cóllo
Se desparzia,

Formando nelle
Contraste tal,
Que o não explica
Lingua mortal!

Oh! nunca os olhos
Assim a olhassem!
Ou vendo-a nunca
De a vêr deixassem!

Julguei que Eulina
O véo trazia,
Que a negra noite
Perdido havia;

Fiquei immovel,
Nada lhe disse,
Como se um raio
Me alli ferisse.

Bahia, Fevereiro de 1837.

Ao almocafre

HYMNO DO LAVRISTA DIAMANTINO.

Herança do pobre! Potente almocafre,
Que extrahes a abundancia de estereis regiões,
Do branco, tapuya, mulato, e do cafre
Em mutua concordia recebe oblações!

ESTRIBILHO.

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união.

Do sólo serrano extráes a riqueza,
O ouro, e o diamante, que a tudo é mister,
No povo a derramas, e mais na pobreza,
Que aqui não mendiga, pois tem que fazer. (*)

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união.

Por meios de cercos se fórção os rios,
Que deixem os leitos p'ra serem lavrados;
Em vallo aqui passão, alli por desvios,
Abysmos cruzando em bica, e taboados.

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união.

Com ferro e com fogo reduz-se a fanicos
Em ardua fadiga e duro trabalho
Crystal, e granito, a canga de picos,
E o ruim cabo verde, que não cede ao malho.

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato e o cafre,
Elevem-no ao throno com doce união.

E quando o mineiro descobre triumphante
No centro das furnas vedadas á luz
Immenso thesouro de ouro e diamante,
De jubilo arfando exclama: Jesus!

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouso dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união.

(*) São raros os mendigos na demarcação diamantina.

As proprias mulheres se vê diligentes,
Da saia importuna fazendo calção,
Lavrarem os leitos de curtas correntes
Com seu almocafre, bateia na mão.

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união

No sólo escabroso de pedras e areia
O luxo edifica jardins magestosos,
Aonde o olfato e a vista recreia
Com flôres d'Europa, e fructos gostosos.

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união.

Floresce o commercio, e o Sêrro alardeia
Franqueza, e igualdade: aqui dão-se a mão;
E em ruas, e lojas vintens regateia
O astuto capanga (*) e o rico Barão.

De ouro e diamantes se c'rôe o almocafre,
Thesouro dos filhos de nossa região,
O branco, o tapuya, o mulato, e o cafre
Elevem-no ao throno com doce união.

Diamantina, Novembro de 1838.

(*) Negociantes de pedras de pequeno fundo.

Não te amo agora mais.

Até hontem de manhã
Falsa me juraste amor;
Cego amava-te, Nhanhan,
Conheço-te hoje melhor:
Com tanta deslealdade
Que valem d'amor signaes?
Bem que soffra 'inda saudade,
Não te amo agora mais.

Quanto *muchôcho* gostozo,
E arrufo provocador,
Quanto *me-deixa* dengozo,
Mas tudo de falso amor:
Até o mais exp'riente
Cahiria em laços taes,
Porém eu d'elles sciente
Não te amo agora mais.

Não quero mais ter o gozo
De teus *quindins e me-deixas*,
Ouça outrem tuas queixas,
Que o fação voluptuoso:
Quero ter, mas n'outra amante,
Os teus requebros e ais;
Enfara amor inconstante,
Não te amo agora mais.

Sei bem que algum innocente
Vai cahir breve em teus laços,
Terá de gozo uma enchente
Afogando-se em teus braços:
Será como eu enganado,
Soffrerá dôres mortaes,
Por mim embora invejado,
Não te amo agora mais.

Talvez o acaso ainda
Reunir-nos possa um dia,
E de nossa paixão finda
Lembre a antiga sympathia;
Talvez tu queiras tambem
Dar-me então d'amor teus ais;
Sim, talvez, Nhanhan..... porém
Não te amo agora mais.

Bahia, Janeiro de 1837.

Aphorismo de amor cá do Brasil.

Arre — lá
De Iáiá
E — vem cá
De amor

Mas seu—não
Com burrão
É — senão
De amor

Seu ciume
Sem queixume
É perfume
De amor.

Um *quindim*
Só p'ra mim
É pudim
De amor.

E um *muchôcho*
É arrocho
No boi mocho
De amor.

Seu *me-deixa*
Não é queixa,
É fateixa
De amor.

Tenho fé
Que me dê
Cafuné (*)
De amor.

A' Marieta.

Eu juro
Que te amo,
Conjuro
Iá-iá,
Que affecto
Mais puro
Não ha,
Que sempre
Amante
Constante
Será.

Desejo
Pedir-te
Um beijo
De amor,
Mas temo
C'o pejo
Te pôr
Nas faces
Mimosas
Das rosas
A côr.

(*) Estalinhos dados na cabeça, com as unhas dos pollegares, para conciliar o somno.

Convenho
Não seja
Do empenho
Credor,
Mas outro
Não tenho
Melhor,
Nem vejo
Mais gloria,
Victoria
Maior.

Do seio
Repelle
Receio,
Temor,
Em doce
Enleio
De amor,
Me outorga
Por elle
Aquelle
Favor

Marianna, Setembro de 1848.

Ao correr da penna.

NO TRIGESIMO DIA DA MORTE DE MEU CUNHADO CHIQUINHO MAIA.

Fazem hoje trinta dias
Que o bom Chiquinho morreo;
Já que nos deu alegrias,
Oremos por elle ao céo.

Qual derrama o cravo a essencia
Brilhando um dia sómente,
Tal lhe fugio a existencia
Fogosa e rapidamente.

Deixa o cravo a suavidade
Que nos dá prazer e encanto,
Elle bom deixou saudade;
Feliz se o não fôra tanto (*).

Teve dinheiro: não louvo
Que elle o gastasse á garnel;
Sua bolsa era do povo,
Entre o povo encontrou fel;

E o libou á longos tragos,
Comprou com ouro o prazer,
Que lhe causou mil estragos,
Até que veio a morrer.

Inexperta mocidade,
Vinde esta lição tomar
— E' bom gastar na verdade —
E' melhor saber poupar

Do mundo a falsa amizade
Matou o Chiquinho Maia,
O pranto d'agra saudade
Sobre o seu tumulo cáia.

No mundo ha muito embusteiro
Que é amigo só do meo;
Um amigo verdadeiro
E' raro mimo do céo.

Por elle rezar se deve,
Era um moço caridoso,
A terra lhe seja leve,
O céo lhe seja piedoso.

São Gonçalo, 24 de Julho de 1867.

(*) Foi bom de mais. Sua bolsa era do povo.

Ao meu amigo o Coronel Almeida.

Ah! quanto é bello, amigo, em teu semblante
Vêr o anjo da morte estar sorrindo,
E tão placido, e tão feliz abrindo
De teu futuro a pagina brilhante.

Não traz no punho seu fouce cortante,
Que causa ao vulgo espanto e medo infindo,
Com geito, pouco a pouco vai ferindo
O envolucro do espirito radiante.

Celeste mensageiro de bondade
Te vem trazer o balsamo das dôres
O bem melhor da pobre humanidade;

Vai, que te levão já teus conductores,
A Esperança, a Fé, e a Caridade
A gozar lá do Eterno os resplendores.

Diamantina, 12 de Setembro de 1851.

A aranha e as moscas.

ALLEGORIA.

Duas moscas certo dia,
Lastimando sua sorte,
Uma á outra assim dizia:
« Como escaparmos da morte?

« Fechadas n'este lugar,
« Da escrava lá ouço a voz,
« E' ella, vem nos matar,
« Que será hoje de nós? »

Uma aranha, que alli estava,
Compondo as feições ferinas
Lhes diz, como quem scismava,
« Em que pensais, ó meninas?

« Sois crianças, coitadinhas,
« Não tendes intelligencia;
« Acreditai nas cans minhas,
« Eu tenho alguma experiencia.

« Do mundo conheço a historia,
« E espero ter hoje a dita
« De salvar-vos, como outr'ora,
« Salvei vossa mãi afflicta.

« Que boa mulher aquella!
« Como eu lhe tinha amizade!
« Em honra á memoria d'ella
« Farei vossa f'licidade.

« Chegai-vos a mim, queridas,
« Chegai-vos bem sem receio,
« Que p'ra salvar-vos as vidas
« Occorre-me agora um meio.

« Com as minhas mãos amigas
« Vou tecer-vos um véo já,
« Que occulte-vos, raparigas,
« Aos olhos da escrava má. »

As duas pobres pequenas
Aceitárão sem temor
Aquellas phrases amenas,
Que parecião de amor.

Sua confiança, coitadas,
Mui pouco tempo durou;
No laço fôrão tomadas,
Que a perfidia lhes armou.

Fôrão logo ambas chupadas
Pela vil aranha féra:
A honra, e a fé são nonadas
Para a aleivosa megéra.

Não a desprezes por tosca
Esta lição que é tamanha,
O' Brasil, tu és a mosca,
E a olygarchia é a aranha.

Lavras do Funil, Outubro 1861.

Não posso furtar-me ao desejo de transcrever para aqui a menção honrosa, que fez de nossos versos a illustrada Redação da *Actualidade*. No anno de 1862 ella expressou-se a respeito — do Poeta das Brenhas — da seguinte maneira:

« O Scœvola tem feito sensação em Minas,
« e até dispertado as musas. Devemos-lhe a
« bella poesia que os leitores verão em outra
« pagina d'esta folha, e que muito a agrade-
« cemos ao nosso espirituoso collaborador o —
« Poeta das Brenhas.

A poesia a que se refere a *Actualidade* é a seguinte:

Epistola de Epaminondas a Scoevola.

Diz o Scœvola guerreiro
« Que da Italia o reino unido
« Não será reconhecido
« Do governo brasileiro.

« Visto que fórma lhe o fundo
« O reino napolitano
« Pertencente ao soberano
« El-Rei Francisco segundo.

« Herdado dos avós seus
« Os mui famosos Bourbons,
« Tão santinhos e tão bons,
« Que o recebêrão de Deus,

« Direito reconhecido
« Da Europa no continente
« Por um tratado vigente
« Em Villa-Franca mantido;

« Tão legitimo e sagrado,
« E respeitavel direito,
« Jámais póde ser desfeito
« Pelo povo amotinado.

« Que de Napoles o throno
« Ha dez seculos erguido,
« Não póde ser alluido
« Contra a vontade do dono.

« E só a aggressão maldosa
« De um soldado aventureiro
« O tirára do poleiro
« E o pozera em polvorosa.

« Que a justiça porém ha-de
« Matar a revolução,
« Prender a rebellião,
« Estirpar a iniquidade;

« Erguer ao throno de novo
« O bom Francisco segundo,
« Portento do velho mundo,
« Pai querido do seu povo. »

Senhor Scœvola, que é isso?!
Seu immenso enthusiasmo,
Se acaso não é sarcasmo,
Tem de certo algum feitiço.

Ah! devéras, meu Sansão,
O mundo está enganado?!
Não é facto consummado
Da Italia a revolução?!

O seu reconhecimento
Por altas nações, Ingleza,
Americana, e Franceza
Será mero fingimento?

Pois, amigo, ouça-me agora,
Não só é um grande facto,
Que eu admiro, e que acato,
Como é para nós a aurora

De um brilhante e feliz dia,
Que o Brasil fará ditoso,
Unindo em consorcio honroso
Liberdade, e monarchia;

E o feito mais imponente,
Mais solemne, e acabado,
Sympathico, bello, amado,
D'este seculo presente.

Se isto agora não lhe agrada
Ainda tem um remedio;
A Italia ponha em assedio,
E lhe dê muita pancada.

O Garibaldi infiel
Roje ao pó, reduza a cisco,
Ponha no throno o Francisco,
E mate Victor Manoel.

E depois sulcando as ondas,
Da terra vencendo o espaço,
Venha dar um terno abraço
No saudoso Epaminondas.

Sêrro, Junho de 1861.

Castor e Pollux.

Este Sayão ha bem pouco
Chamava o Salles de louco
Porque o Timandro escreveu;
Agora estão conchavados,
Passeiam de braços dados
Procurando jubileu.

Entenda-se estes senhores!
Pois s'erão conservadores?
Porque brigavão então?
Lêrão juntos o axioma:
— Vai todo o caminho á Roma —
Por isso derão-se a mão?

Se assim é tenha paciencia
O heróe da coherencia
Mais inda esta vez sincou;
A bulla das circumstancias
Bem póde encobrir ganancias,
Mas o povo o apedrejou.

Sayão coherente, honrado,
Com o desinteressado
Torres Homem sem igual,
Na politica vermelha
E' de certo uma parelha
Que prefaz meu ideal.

Respeito, e acato a honrada
Coherencia decantada
Do *integerrimo* Sayão,
Sempre em vermelha lida
Como Aristides na vida,
Na morte como Catão.

O Salles mostrou de sobra,
Qu'é páo para toda obra,
E conforme a occasião:
Servio demagôgo ao povo,
Agora com senhor novo
Mostra inteira abnegação:

Eu o admiro, e estimo
Mais que Abdalonimo,
Qu'a abnegação elevou;
E mais que Hippocrates, quando
A Artaxerxes curando
Seus presentes regeitou.

Fôrão pois estes sujeitos
Para se amarem feitos;
Unidos os quero vêr,
Como emblema *d'inteireza,*
De *coherencia, nobreza,*
Desinteresse, e dever.

Rio de Janeiro, Setembro de 1862.

A briga das aves caseiras.

ALLEGORIA PROPHETICA.

Lá do Prata o equilibrista
Grão-Mestre de quichotadas
Metteu-se a jogar á crista
Com tres Nações alliadas.

São na briga aves caseiras
Em furor encarniçadas,
Offégão já nas canceiras,
Já estão bem depennadas.

E' garnizê o Solano,
O Brasil, e as Socias suas,
São n'esse combate insano
Perú, e magras perúas.

Entrou na briga a mais nova
Sem pennas no peito e aza,
Porque levou muita sóva
Em outras brigas de casa.

A outra velha *mitrada*
Entrou piando tão fórte,
Que á não ser espanholada
Ao garnizê déra a morte.

O bragantino perú
Mostrou-se tão altaneiro,
Que até foi fazer — *glû-glû*
Nas divisas do terreiro.

O garnizê el supremo
Tem couraça de tatú,
E' valente como o demo,
Quer dar cabo do perú.

Elle sabe o nome aos bois,
Mas soffreu muito revéz;
Nem Hercules contra dois
Muito menos contra tres:

Pagará bem caro o pato,
E o illustre perú tambem;
Na paz algum desacato
Talvez o ordene alguem.

João Bull gastronomo ingente,
Vendo o perú depennado,
Amolla com ancia o dente
Para *trinca-lo* guizado.

Mas certos irmãos gigantes
Far-lhe-hão a vasa brava;
Não são herões de Cervantes,
E hão-de manda-lo á fava.

Pois o Mexico aconselha,
Que n'este sólo fecundo
Não medre a arvore velha
Vinda lá do velho mundo.

E perto já vem o dia
Em que a America do Sul
Fará sua autonomia
Queira, ou não, mestre João Bull.

Sêrro, Novembro de 1867.

Ao dia 7 de Abril.

Salve, sete de Abril! Salve tres vezes
Dia de gloria, magestoso, e forte!
Tu que firmaste independencia, ou morte
Sem da guerra nos dar crueis revezes!

Falsos quebrando ao despota os arnezes,
Que assoberbavão tanto a vil cohorte
D'escravos vis, forçaste-o d'esta sorte
D'amarga decepção tragar as fezes.

Monumento esmolado não te ageito
De sangue, e de traições cheio, odiento
Na praça a repulsar honesto preito;

Mas d'espontaneo amor, santo respeito,
Eterno, e sacrosanto monumento
Tens, e terás no brasileiro peito.

Diamantina. Abril de 1865.

Saudação ao dia 7 de Setembro.

Salve dia abençoado
De Deos, e do povo amado,
Teu nome será louvado
No presente, e no porvir:
Sempre grato, e prazenteiro
Entre o povo brasileiro,
Serás o dia primeiro
Risonho e bello á fulgir.

De coração eu te louvo
A ti, que a bem d'este povo
Dar-nos-has systema novo,
Matando o conservador;
De fé a éra presente
E' do progresso potente,
Da electrica luz fulgente,
Do poderoso vapor,

E quando tudo caminha,
Parar agora é mesquinha
Ideia velha, e damninha
Que gera interesse vil;
C'a ideia nova na mente
Soberbo marcha na frente
Da mocidade fremente,
Que fulgúra no Brasil.

Vê qu'essa audaz mocidade
Adora com santo alarde
A divina liberdade,
A religião, e o amor;

E como pharol te encara,
Porque d'esta patria cara
És a perola mais rara,
O nosso amigo melhor.

E com esse amor tão puro
Seu peito será o muro
O mais forte, e mais seguro
Com que se possa contar;
D'America a livre gente
Já nasceu independente
E não quer obediente
Do rei o jugo levar.

Rei que reina, e que governa,
Nossos direitos prosterna,
E na época hodierna
É um cartel á Nação.
Da Hespanha o liberalismo
Contrast'esse anachronismo,
Com que préga o despotismo
Entre nós a vil facção.

Já nos déste autonomia
De Abril no setimo dia,
Erguendo a soberania
Sobre os destroços reaes:
De novo esse monstro ousado
Levanta o cóllo altanado;
Seja outra vez decepado,
Não se erga nunca mais.

Apaga oh! dia de gloria,
Apaga de nossa historia
Essa nódoa infamatoria
Que tem o nome de rei (*):

(*) Rei absoluto, e despotico.

Impere só liberdade,
União, fraternidade,
A santa, e doce igualdade,
A razão, a paz e a lei.

Diamantina, Setembro de 1869.

Hymno de victoria.

Raiou o dia de gloria
Para o povo brasileiro,
Já cantámos a victoria
Sobre o barbaro estrangeiro.

ESTRIBILHO.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

Esses medonhos canhões
Que nos davão morte e gloria,
Proclamão hoje ás nações
A brasileira victoria.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

— Victoria! — dizem troando
No Prata cheio de gloria,
Do Sul ao Norte échoando
Amazonas diz — Victoria! —

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

O paraguayo feróz
Manchou nossa terra amada,
Puni-lo foi para nós
Uma divida sagrada.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

Essa affronta foi um raio,
Exigio reparação,
Lavou sangue paraguayo
Altos brios da Nação.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

Já d'Assumpção nas muralhas,
Dando aos tyrannos lição,
Tremúla ao som das metralhas
O auri-verde pendão.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

No torneio nacional
Foi a dama graciosa
A nossa terra natal,
Que nos contempla amorosa.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

Sua fronte á gloria affeita
Ornemos amigos já
Com ampla, e bella colheita
Dos louros do Humaitá.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

O tigre astuto e malvado
Lá fugio medroso e vil,
Será seu nome execrado
Dentro e fóra do Brasil.

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

E viva a briosa Esquadra!
E o Exercito valente,
Na America libertada
Viva a brasileira gente!

Parabens! ó Brasileiros,
A guerra acabada está,
Vencêrão nossos guerreiros,
Arrasou-se Humaitá.

Sêrro, Novembro de 1868.

Ao passamento do Exm. Sr. Senador T. B. Ottoni

NENIA.

Dorme em paz tribuno amado;
Que em teu sepulchro adorado
Vejo a saudade florir;
E d'esse placido asylo
O Brasil verá tranquillo
A liberdade surgir.

No afan impetuoso,
Incansavel, magestoso,
Cahiste emfim, lidador;
Firme no posto primeiro
Em que te ungira guerreiro
Livre, o Anjo do Senhor.

E só a morte serena
Arrancaria da arena
O paladino da cruz,
Levita da liberdade,
Pregando amor e igualdade,
Como prégava Jesus.

O seu nome foi bandeira,
Que interpretou verdadeira
A aspiração popular,
E precursor peregrino
Do brasileiro destino
Hade-o a historia assignalar.

Martyr da cruzada santa,
Com quanta força, com quanta
Soffreu ferros, e prisão!
Sempre forte na estacada
Nada abalava, nada,
O brasileiro Sansão.

Ungido na mocidade
Pela diva liberdade,
Prematuro appareceu;
Na imprensa já denodado,
Agitador inspirado,
Logo as turbas commoveu.

De Minas primeiro filho,
Ao povo mostrava o trilho,
Que o Tira-dentes abrio;
Contra o regio crime e erro,
Cá dos penedos do Sêrro
D'elle o brado alto partio.

Foi longa a sua carreira,
Na politica a primeira:
Deputado, senador,
Rendião-lhe todos preito
De competencia e respeito,
E d'altos feitos autor.

Oito lustros, mais dous annos
Combateu contra tyrannos,
Nunca á elles se curvou;
Foi o idolo do povo,
Que o amava sempre de novo,
E seu tribuno o sagrou.

E de fama já formada,
Deu-o a geração passada
A' presente geração,
Que da luta primitiva
O vio com a força activa
Combater como um leão.

Vasado em molde spartano
Politica fraude, e engano
Dos homens o fez descrer;
Mas firme na liberdade
No crysól d'adversidade
Sua fé ia a crescer.

O seu grande nome abrange
Duas épocas; confrange
De dous reinados o mal,
E n'elle dous soberanos
Auferirão desenganos
De quilate colossal.

Do rei as iniquidades,
Estultas fôfas vaidades
Denodado profli'gou;
Do povo a soberania
Defendeu com valentia,
E a mão do rei não beijou.

Ligou o norte de Minas
Do littoral ás campinas,
A' bem do torrão natal;
No sublime intento rude
Gastou fortuna e saude
Em trabalho perennal.

Dos anciãos no conclave,
Americano Barnave,
Do povo não se esqueceu;
Co'a opa do democrata
No fardão do aristocrata
Seus direitos defendeu.

Entre nós ainda quente,
Retine austero e plangente
O timbre de sua voz,
C'os olhos fitos na chaga
Que da patria róe a plaga,
Morreu gemendo por nós.

Com um accento profundo,
O tribuno moribundo
Nos mandou — crer e esperar —
De sua louza ha-de um dia
Surgir a soberania,
Que elle só soube plantar.

Nos corações é que assenta
Biographia opulenta
Do preclaro cidadão;
Seu politico retrato,
Seu illustre e ameno trato,
Pintará da historia a mão.

Que de seu genio eminente
Não póde o amigo gemente
As qualidades pintar;
Nem de sua intimidade
A generosa igualdade
Qu'era delicias gozar.

Descansa tribuno agora,
Que a tão suspirada aurora
Chamada por tua voz
Não tarda a raiar brilhante,
E fulminar coruscante
Do Brasil o imigo atroz.

Da liberdade o anjo pulchro,
Debruçado em teu sepulchro,
Não sólta lamentos vãos;
Estimúla a mocidade,
E pede ao Céo liberdade
Para este povo de irmãos.

Dorme em paz tribuno amado,
Que em teu sepulchro adorado
Vejo a saudade florir;
E d'esse placido asylo
O Brasil verá tranquillo
A liberdade surgir.

Piparotes na Estatua equestre de Pedro Primeiro.

Pobre paiz, não tens fé,
Não te causa o crime abalo!
Deixas a virtude a pé (*),
E pões o vicio a cavallo!

OUTRO.

Ei-lo! A nova geração
Tem-no aqui bem verdadeiro:
Sem possuir coração
E de bronze todo inteiro.

OUTRO.

Esse, que vês esculpido
No bronze monumental,
Foi cá no Brasil Cupido,
Marte foi em Portugal.

OUTRO.

Como um primôr se apregôa
A estatua de Luiz Rochet,
Não póde ser cousa boa:
— « Rien n'est beau que le vrai. » —

OUTRO.

A' Estatua e á Constituição.

No dia do juramento
Da nossa Constituição
A' Pedro ergueu monumento

(*) José Bonifacio de Andrada e Silva.

A *portugueza* (1) nação,
Já feito de fragmento
Como a Carta e com razão. (2)

OUTRO.

As especialidades (3)

Das petas a sociedade
Com toda a propriedade
Fez do Rochet a ovação,
Aos astros levou na lyra
O autor da bronzea mentira,
Que se pregou á Nação.

OUTRO.

Desejando a olygarchia
Profanar com vilania
A santa soberania
Da Brasileira Nação,
Marcou p'ra levantamento
Da estatua do fingimento
O dia do juramento
Da nossa Constituição.

Mas que fôsse confundido
O anniversario querido
C'o dia do fementido
Não consentio o bom Deos,
A força bruta e malvada
Só do interesse levada,
Teve a festa separada
Por cataratas dos Céos.

(1) A Camara Municipal da Côrte agenciou subscripção com o apoio dos portuguezes para a Estatua. Raro é o portuguez que se naturalisa cidadão brasileiro.

(2) A Estatua veio da Europa em pedaços.

(3) A sociedade Petalogica do Rio de Janeiro endeozou o estatuario Luiz Rochet.

A vinte e cinco abra o peito
E renda gostoso preito
A' liberdade, e ao direito
O liberal cidadão:
E a trinta aquelle que adora
Ao —*Deos vintem*— e não córa
De se alegrar n'essa aurora
Manchada de sangue irmão.

OUTRO.

De grato amor verdadeiro
Se a estatua equestre é signal,
Então a Pedro Primeiro
Erga estatua Portugal.
Si é prova de deferencia
Ao heróe da Independencia,
A verdade e a razão brada
Que se erga ao bom Andrada.

A lembrança foi de mestre,
Não de epigramma damninho,
Pôr-se a tal estatua equestre
No infamante pelourinho.

Vivo, lá foi sem conforto
Barra fóra expulso, atôa;
Agora depois de morto
Se lhe ergue uma estatua. E' boa!

OUTRO.

Manda—*Jove*—ao bom povo brasileiro
Erguer estatua a Dom Pedro Primeiro,
O genio do Brasil não foi *divino*,
A pobre estatua pôz no pelourinho.

Piparotes em John Bull.

Por certos motivos juntos
Quer John Russell *mui honrado!*
Que lhe paguemos defuntos
Em dinheiro de contado.

As raposas do Times.

O *Times* diz que foi tolo
O Christie nos seus debates,
Sirva ao Brasil de consôlo
Ser elle a casa d'Orates
De John Bull, que tem miôlo.

Que Russell tão occupado
Em mil queixas attender,
Não póde ser accusado
De que sem « geito mister »
O Brasil fôsse roubado.

Dizem mais as taes raposas,
Que o Brasil só obrigado,
Pagára naufragio e lousas,
Respeitára ao embriagado:
Oh! este John Bull tem cousas!

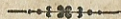
Sansão britannico.

O Christie brigar não quiz
C'um Webb só fracalhão (*);
Desafiou um paiz,
Para mostrar que é Sansão.

(*) Plenipotenciario dos Estados-Unidos, que desafiou a duello ao Christie, e este o não aceitou.

Anexins applicados.

Mandou Russell *muito honrado*
Christie *honrado* para cá,
Porque lá diz o dictado:
« A honra é de quem a dá. »

D'hospitalidade em troca
John Bull nos deu seu refem.
« Affronta e rouba á matroca »
« Cada um dá o que tem. »

Boa vontade.

Se a Grã-Bretanha inda fôsse
Fraca como foi outr'ora;
A John Bull eu déra um dôce
Que nos insultasse agora
Com arrogancia d'alcouce.

A Londres do mar senhora
(Qual Ruyter bravo hollandez
Subira o Tamisa outr'ora)
O Brasil ao ingrato inglez
Déra uma lição agora.

Despedida.

Vai, Christie fanfarrão, leve-te o vento
Favoravel ás praias do Tamisa;
D'Orates lá te espera uma camisa,
Recompensa do teu atrevimento.

Se á Londres é mister algum jumento,
Que a represente algures, não precisa
Ir mais longe busca-lo, em ti se gisa
Um bem quadrado, a dar couces ao cento.

Incessante o remorso te persiga,
Da má perturbação funesto agente,
Derramador do mal em terra amiga.

Vai, e não voltes, e onde fôres diga
O mundo inteiro lendo-te na frente:
Que és louco embaixador, ruim de uma figa.

Em despedida.

AOS VOLUNTARIOS DA DIAMANTINA

Mais rijo do que as pedras preciosas,
De que abunda este sólo abençoado,
Nosso peito ao trabalho acostumado
Não receia fadigas porfiosas.

Eia a guerra! E com vistas luminosas
Esse dever cumpramos tão sagrado;
Deos o quer, e o Brasil por Deos guiado
Fará do Sul as plagas venturosas:

Pois como ao Norte, aqui não nos aterra
Do Leopardo, e Leão e d'Aguia o alarde,
Aqui damos a lei, a paz, e a guerra:

O brasileo pendão da liberdade
N'America do Sul porá por terra
Do tirannete vil a autoridade.

Diamantina, Abril de 1865.

INDICE

Rio de Janeiro. — Typographia Universal de Laemmert,
Rua dos Invalidos, 61 B.